

# **O DESÍGNIO REVELATÓRIO DE DEUS PARA OS FEITOS MILAGROSOS**

*Uma avaliação da doutrina carismática  
da contemporaneidade da providência extraordinária*

**JEFTÉ ALVES DE ASSIS**



*Para Uziel Junior,*

*pai dedicado,*

*marido amoroso,*

*primogênito que honra os pais e que inspira seus irmãos,*

*presbítero dedicado e que vela pela Palavra da verdade,*

*meu irmão em sangue e em Cristo.*

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo demonstrar que o propósito basilar de Deus ao operar milagres era autenticar uma nova revelação que dispensara por meio de algum porta-voz seu. Tais milagres ocorreram com maior incidência em três períodos distintos, os quais foram caracterizados por ser o marco inicial de um novo período revelacional. O ultimo período foi o de Cristo Jesus e dos apóstolos, o qual, após a revelação ter sido escrita, os milagres cessaram – razão porque não encontramos registros de milagres na história da igreja tais quais encontrados na Bíblia. Isso se constitui em um contrassenso à práxis e ao ensino carismático que advoga sinais e prodígios em seu meio.

**Palavras-chave:** milagres; carismáticos; cessacionismo; revelação.

## ABSTRACT

The present work's goal is to demonstrate that the foundational purpose of God in working miracles was to authenticate a new revelation that He has given through some of His mouthpiece. Such miracles occurred with greater frequency in three distinct periods which were characterized for being the starting point of a new revelatory era. The last period came at the time of Christ and the apostles in which the miracles ceased after the revelation has been inscripturated. That is the reason why we do not find records of miracles in church history such as those found in the Bible. This is a contradiction to the charismatic practice and teaching that advocate signs and wonders in their midst.

**Keywords:** miracles; charismatic; cessationism; revelation.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>1 OS MILAGRES NA HISTÓRIA</b>	<b>9</b>
<b>1.1 No período patrístico</b>	<b>9</b>
<b>1.2 No período da Reforma Protestante</b>	<b>11</b>
<b>1.3 No período moderno</b>	<b>13</b>
<b>1.4 Nos dias atuais</b>	<b>15</b>
<b>2 A FENOMENOLOGIA DOS MILAGRES</b>	<b>18</b>
<b>2.1 Relação dos milagres com os processos naturais</b>	<b>19</b>
<i>2.1.1 Milagres que ocorreram sem o uso de meios</i>	<i>19</i>
<i>2.1.2 Milagres que ocorrem acima do uso dos meios</i>	<i>20</i>
<i>2.1.3 Milagres que ocorrem acima do uso dos meios</i>	<i>21</i>
<b>2.2 A insuficiência da fenomenologia em definir milagre</b>	<b>21</b>
<b>3 O PROPÓSITO DOS MILAGRES NA BÍBLIA</b>	<b>24</b>
<b>3.1 A concentração dos milagres em períodos definidos</b>	<b>26</b>
<i>3.1.1 Moisés – a entrega da Lei</i>	<i>26</i>
<i>3.1.2 Elias e Eliseu – o início do período profético</i>	<i>28</i>
<i>3.1.3 Jesus – o Messias prometido</i>	<i>30</i>
<i>3.1.4 Os apóstolos e os evangelistas – a propagação das boas novas</i>	<i>33</i>
<b>3.2 O lugar dos milagres no processo histórico-revelacional</b>	<b>36</b>
<b>4 OS MILAGRES CARISMÁTICOS</b>	<b>41</b>
<b>4.1 Características dos milagres bíblicos</b>	<b>41</b>

4.1.1 <i>Os milagres são realizados no mundo externo</i>	41
4.1.2 <i>Os milagres são imediatos</i>	42
4.1.3 <i>As curas milagrosas são sempre bem-sucedidas e sem recaídas</i>	42
4.1.4 <i>Os milagres de cura são focalizados em doenças orgânicas</i>	42
4.1.5 <i>Os milagres não eram necessariamente condicionados à fé</i>	43
<b>4.2 Distinção entre os verdadeiros e os falsos milagres</b>	<b>44</b>
<b>4.3 Avaliação dos milagres carismáticos</b>	<b>46</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>49</b>

## INTRODUÇÃO

Num galpão de 18 mil metros quadrados no populoso Bairro do Brás, em São Paulo, o autodenominado apóstolo Valdemiro Santiago de Oliveira encontra-se com cerca de dez mil pessoas diariamente. O mesmo também está presente nos televisores de milhões de espectadores, produto de um contrato com uma emissora de sinal aberta em que o mesmo usufrui 22 horas diárias de transmissão de seus cultos. Tais transmissões alcançam a incrível marca de cerca de 25 milhões de lares. Todos os seus cultos são massivos – fruto do seu alcance televisivo. Um exemplo nítido disso ocorreu no primeiro dia do ano de 2011, em que o mesmo conseguiu ajuntar cerca de 2,3 milhões de pessoas no Autódromo de Interlagos.

Em meio a essas aglomerações, os seguidores de Valdemiro Santiago estão à espera de uma palavra sua, de um toque seu, ou de uma toalha com seu suor para receberem a benção de um milagre. Enquanto fala em público, de repente, algum de seus auxiliares justapostos na plateia levanta uma placa com a seguinte mensagem: “aqui tem um milagre”, alertando para algo do tipo acontecido no lugar indicado. Pouco tempo depois, lá está o fiel prestando seu testemunho, ladeado pelo milagreiro que seguidamente fica a lhe interrogar. É nesse momento que Valdemiro encontra a razão de seu sucesso e de sua influência.

Depois de treze anos após a sua fundação, Valdemiro continua a liderar a Igreja Mundial do Poder de Deus, denominação com mais de três mil templos espalhados pelo Brasil e em quase todos os continentes, calculando um montante de 4,5 milhões de adeptos – de acordo com suas folhas. Certo repórter, escritor de uma das revistas mais circuladas em nossa nação, atestou com razão que “é a mística de milagreiro de Santiago a chave de seu sucesso e a responsável pelo fenômeno da multiplicação dos fiéis à sua volta”.<sup>1</sup>

Nos últimos 60 anos, há um crescente número de novos adeptos nas igrejas dessa tradição, principalmente na América Latina e na África. No Brasil, as principais denominações são a Igreja Universal do Reino de Deus (surgida em 1977), Igreja Sara Nossa Terra (1992), Igreja Apostólica Renascer em Cristo (1996) e a Igreja Mundial do Poder de Deus (1998). A influência de tais igrejas é tremenda. O IBGE, em seu último censo, calcula o movimento carismático em cerca de 40 milhões de aderentes. A prosperidade financeira e a operação de

---

<sup>1</sup> CARDOSO, Rodrigo; LOES, João. *O homem que multiplica fiéis*. [Reportagem]. Disponível em: <[http://www.istoe.com.br/reportagens/122005\\_O+HOMEM+QUE+MULTIPLICA+FIEIS](http://www.istoe.com.br/reportagens/122005_O+HOMEM+QUE+MULTIPLICA+FIEIS)>. Acesso em: 9 abr. 2011.



milagres são o foco dessas igrejas – algo diametralmente oposto àquilo que vemos nas igrejas históricas.

Desde muito tempo, a doutrina e a práxis dos milagres tem produzido grandes discórdias e debates entre os diferentes ramos teológicos e eclesiásticos. No momento atual, o tema leva a uma cisão no meio evangélico de dimensões talvez nunca vista desde o tempo da Reforma Protestante. Em sentidos opostos, carismáticos e protestantes históricos trocam farpas e, algumas vezes, acusações repletas de preconceitos. Carismáticos objurgam os protestantes históricos por não exercerem os dons do Espírito Santo, principalmente por não buscarem a realização de milagres em seus círculos. Em seu entender, os protestantes históricos estão limitando o agir de Deus por falta de fé. Em réplica, esses respondem aos carismáticos, apontando para seus prodígios como meras ilusões para convencer pessoas a depositarem cifras significativas em seus gazofilácios.

Entrementes às contendas, muitas perguntas são feitas: Pode haver milagres nos dias de hoje? Porque não há milagres tão prodigiosos em nossos dias, por exemplo, como nos dias do êxodo? Deus ainda atua diretamente em nossos dias? Consideramos que, embora sejam importantes, essas perguntas são periféricas. Essa obra objetiva responder uma pergunta que julgamos ser a mais importante e primordial no debate que está envolto ao tema: Qual o propósito de Deus para os milagres? Da resposta dessa interrogação deriva todas as respostas das perguntas supramencionadas. Necessariamente, a questão do propósito dos milagres implicará na questão de sua contemporaneidade. Ora, se os milagres têm por finalidade basilar atestar a nova revelação e o seu portador como provindos de Deus, eles cessaram. Por outro lado, se os milagres têm qualquer outra finalidade basilar, teremos que não apenas cogitarmos sua ocorrência, mas admiti-la.

## 1 OS MILAGRES NA HISTÓRIA

O tema milagres sempre esteve presente no curso da história da igreja cristã. É verdade que, quase sempre, sua presença se deu em meio a debates acalorados. Em maior ou menor grau, desde os dias dos primeiros pais, os milagres nunca foram um ponto de consenso. O catolicismo romano sempre reivindicou milagres com o objetivo de autenticar seu pressuposto de ser a única e a legítima a sucessora dos apóstolos. Os reformadores responderam à premissa romana, alegando que os únicos milagres a serem cridos são aqueles que estão registrados na Bíblia, e que cessaram com o término da escrituração da mesma. Já entre os sécs. XVIII e XIX, com o surgimento do Iluminismo, houve a negação não apenas da possibilidade dos feitos milagrosos nos dias atuais, mas a reprovação também dos próprios milagres relatados na Bíblia. Por fim, no começo do séc. XX até o presente momento, os carismáticos tem defendido a operação divina extraordinária em seu meio como uma espécie de restauração daquilo que aconteceu no período apostólico.

### 1.1 No período patrístico

Os milagres eram tidos em alta conta pelos pais da igreja. Orígenes dizia que “sem milagres e maravilhas os apóstolos não teriam persuadido aqueles que escutaram novas doutrinas e novos ensinamentos para largar sua religião tradicional e acertar os apóstolos”. Justino Mártir relata o modo como Jesus “desafiou os homens de sua época para reconhecê-lo”. Gregório de Nissa, um dos grandes capadócius que se envolveram com a controvérsia ariana, referindo-se a Jesus, disse que “seus muitos milagres tem nos convencido de sua deidade”.<sup>2</sup>

Via de regra, a maior parte da escrita dos pais a respeito do tema pertenceu aos apologistas que tiveram a tarefa de defender a fé cristã frente aos pagãos. Os apologistas frequentemente citaram os milagres como prova da veracidade de sua fé.

Embora os milagres fossem algo importante na mente e na pena dos pais da igreja, os historiadores divergem a respeito da continuidade dos milagres em seu período. Em *Counterfeit Miracles*, B. B. Warfield faz uma extensa análise histórica a respeito das alusões de supostos milagres ocorridos. Por fim, credita apenas ao período apostólico a sua

---

<sup>2</sup> BROWN, Colin. *That you may believe: miracles and faith then and now*. Grand Rapids: Eerdmans, 1985, p. 5.

ocorrência, deixando de lado inclusive os primeiros séculos da igreja cristã. Ele testemunhou que, por exemplo, “há pouca ou nenhuma evidência no todo para obras miraculosas durante os quinze primeiros anos da igreja pós-apostólica”.<sup>3</sup> Em contrapartida, Philip Schaff, um dos maiores historiadores da igreja, tem o conceito de que os milagres só desapareceram após a difusão e o estabelecimento da igreja, entre o final do século III e o aparecimento de Constantino. Para Schaff, a operação de milagres não fora retirada abruptamente das mãos da igreja, mas gradualmente, à medida que sua necessidade comprobatória diminuía, chegando ao ponto que apenas a persuasão da pregação tomasse todo o lugar.

Nos escritos de Justino Mártir, Tertuliano e Orígenes não há nenhuma menção de relatos a respeito de cura como descritos no Novo Testamento, nem alguma referência a qualquer indivíduo que fosse alvo da mesma.<sup>4</sup> Por sinal, nenhum dos pais da igreja utilizou a primeira pessoa do verbo para indicar a operação miraculosa nem ao menos sentiu pesar ou tristeza pela diminuta ação miraculosa em seu meio. Irineu é o único dos pais da igreja que escreveu a respeito de um milagre de ressurreição. No entanto, ao citar esse caso, existem boas razões para acreditarmos que, muito provavelmente, ele não estivesse se referindo a algo alusivo ao seu próprio tempo, mas a algo que ocorreu na época de Jesus ou dos apóstolos.

Fato é que ninguém que estude com seriedade os fatos pode deixar de constatar que existe um claro contraste entre o período apostólico e o período que o sucedeu. Documentalmente, no período apostólico existe uma efusão de feitos milagrosos, enquanto que no período patrístico existe uma sensível ausência de ressurreição de mortos, de cura de enfermidades orgânicas, do falar idiomas sem nunca tê-los estudado.

A sensível ausência de milagres nos escritos patrísticos é interpretada, geralmente, de duas formas. Certos historiadores, tais como Middleton, creditam essa ausência ao conglomerado de debates resultantes do surgimento das heresias no seio da igreja. Por

---

<sup>3</sup> WARFIELD, Benjamim B. Warfield. *Counterfeit Miracles*. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1995, p. 10.

<sup>4</sup> Ao falar de milagres em seus escritos, Agostinho se concentra na fenomenologia. Em seu livro *Cidade de Deus*, ele declarou que os milagres não são ocorrências que vão de encontro aos processos naturais, mas ocorrências que são contrárias aos processos naturais como os conhecemos. O ponto de Agostinho gira em torno dos processos naturais como nós os observamos, e não como verdadeiramente os são, haja vista a limitação do nosso conhecimento. De forma que os milagres não quebram as leis naturais, mas apenas ultrapassam a nossa compreensão. Para mais detalhes, veja: SPICELAND, J. D. Milagres. In: ELWEL, Walter A. (Ed.). *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1990, p. 516.

consequente, os pais da igreja estavam focalizados em defender a doutrina da igreja, e não fazer uma série de relatos dos milagres que eram realizados em seu meio. Por outro lado, em contrapartida ao pensamento de Middleton, Warfield conclui que tal lacuna é devido à cessação dos milagres.

## 1.2 No período da Reforma Protestante

A idade média foi caracterizadamente um tempo de muita superstição no que diz respeito aos milagres. A religiosidade popular adicionada à falta de instrução levava os fiéis a julgamentos precipitados e, às vezes, absurdos com respeito a alguma provável ação sobrenatural de Deus. Não é a toa que, entre o 350 d.C. e a era moderna, todos os milagres que se tem conhecimento giram em torno da espiritualidade romanista, ou seja, com ligação direta ou indireta aos santos, aos sacrários, às relíquias ou aos sacramentos. As lamentáveis circunstâncias sociais e religiosas da Europa no final do séc. XV e início do séc. XVI serviram de cenário para um dos debates mais cheios de alterações de toda a história.

Em meio às controvérsias que seguiram à Reforma Protestante, a Igreja Católica Romana desenvolveu sua doutrina concernente à providência extraordinária como meio comprobatório de sua própria legitimidade como a igreja sucessora dos apóstolos de Cristo. Como já nos referimos, para os papistas os milagres tinham uma associação muito estreita com seus santos, com seus sacrários e com suas relíquias. Dessa forma, defender tais milagres era imprescindível para preservar sua própria história e legitimidade como igreja madre. Incontáveis alegações de milagres partiram do lado romano para servirem tanto de escudo como de espada no combate com os reformados. Em meio ao calor do debate, perguntavam os romanistas: “Se vocês são enviados de Deus, onde estão os seus milagres?” Assim, os protestantes eram desafiados a abrolhar milagres que selassem seus ensinamentos como procedentes de Deus.

Por sua vez, a resposta de Calvino, Lutero, Zuínglio, Simons e outros reformadores não se constituiu em alguma reivindicação de milagres provindos de suas mãos. Calvino, na primeira edição de *As Institutas*, dedicou sua *opus magna* ao rei da França, Francisco I. Nesta carta, Calvino apresentou de modo formidável uma resposta para a requisição católica de milagres, afirmando que as doutrinas dos reformadores não eram invencionices, mas o mesmo Evangelho de Cristo e dos apóstolos, o qual foi testificado com milagres. Ora, se o

Evangelho pregado por eles não é algo estranho àquele da Escritura, antes o mesmo, a confirmação miraculosa já havia ocorrido com Cristo e com os apóstolos em seu tempo, não havendo necessidade de repetição. Ele escreve:

Ora, não estamos a forjar algum evangelho novo; ao contrário, retemos aquele mesmo à confirmação de cuja verdade servem todos os milagres que outrora operaram assim Cristo como os apóstolos. Acima de nós, eles têm isto de singular, que podem confirmar sua fé mediante constantes milagres até o presente dia!<sup>5</sup>

Não é sem razão que, em seguida, Calvino fala a respeito do legítimo propósito e uso dos milagres: confirmar a palavra dos apóstolos de Cristo. Para tanto, ele advoga o exame da doutrina primeiramente, a qual tem precedência sobre os milagres. Importa fazer isso, segundo ele, pois nem todo suposto milagre provem de Deus, pois Satanás possui seus falsos prodígios. Em seu parecer, tais são os casos de milagres realizados pelos santos católicos. Sem dúvida, do ponto de vista protestante em geral, isso era algo de singular importância. Caso houvesse um caso real de milagre na história da igreja pós-apostólica, tal milagre autenticaria o operador de milagre e sua doutrina certamente católica.

Por essa razão, Calvino declara já no corpo doutrinário de *As Institutas*, em seu último volume, ainda lutando contra as doutrinas romanistas, que a operação de milagres havia chegado ao fim, pois seu propósito havia sido cumprido:

Mas já cessaram aqueles milagres de poderes e aquelas operações manifestas que eram distribuídos por imposição de mãos, os quais não subsistiram por muito tempo. Porque era indispensável que a nova pregação do evangelho e o novo reino de Cristo fossem iluminados e magnificados por milagres inauditos e inusitados; mas quando o Senhor os fez cessar, com isso não abandonou inteiramente sua Igreja, mas declarou que seria mui excelentemente manifestada a magnificência de seu reino e a dignidade de sua Palavra.<sup>6</sup>

Para Calvino, uma vez confirmado seu objetivo de autenticar a nova revelação que os apóstolos haviam recebido, os milagres desapareceram. De forma que os únicos milagres que Calvino reconhece são aqueles que estão registrados na Bíblia.

Em termos gerais, os demais reformadores seguiram o pensamento de Calvino. Apenas Lutero propôs algo ligeiramente diferente ao reformador de Genebra. Assim como Calvino, Lutero acreditava que os milagres tais quais registrados nas Escrituras haviam cessado. No entanto, ao que parece, preocupado pastoralmente em salvaguardar o

---

<sup>5</sup> CALVINO, João. *As Institutas*. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, v. 1, p. 23.

<sup>6</sup> op. cit., v. 4, p. 423.

pensamento dos fiéis para com o cuidado de Deus em seu favor, Lutero propôs que os milagres ainda aconteciam, só que espiritualmente, ou seja, na alma do crente. Assim sendo, ele rotulava a conversão e a regeneração como milagres, por exemplo. Daí por diante, o reformador alemão espiritualizou os milagres.

### 1.3 No período moderno

Até este período, basicamente, o debate a respeito dos milagres girava em torno de duas questões intimamente ligadas: Qual o propósito dos milagres? Eles ainda ocorrem nos dias de hoje? No entanto, adentrando esse período, a controvérsia ganha novas questões e novos palcos. Até então restrita aos círculos eclesiais, a polêmica agora ganha terreno no meio acadêmico secular. Em tais meios, a questão levantada era: Já ocorreu alguma quebra dos processos naturais que se poderia denominar de milagres?

As alterações no corolário do debate se deram ao advento do Iluminismo. Tal movimento intelectual ressaltava a autonomia da razão em detrimento às diferentes categorias de autoridades firmadas, seja ela moral, política ou religiosa. Haja vista que o cristianismo é, sobretudo, uma religião baseada na Bíblia como uma revelação especial, extraíndo daí suas crenças e doutrinas, o raciocínio iluminista trouxe severos ataques ao mesmo. Dentre os muitos ataques, está a negação da intervenção sobrenatural de Deus na história. Por sinal, não haveria ataque mais perigoso que esse. Ora, se nunca houve intervenção sobrenatural na história, Cristo não ressuscitou dos mortos, sendo “vã a nossa pregação, e vã, a nossa fé” (1Co 15.14). De fato, o cristianismo é sustentado pelos milagres. Se não há milagres, a fé cristã não pode ser verdadeira. O Iluminismo tentou provar isso, rebaixando o cristianismo a uma mera religião natural. A influência do Iluminismo foi tal que trouxe perdas e danos para toda a igreja europeia, dizimando muitas paróquias no velho mundo até os dias de hoje.

Dentre os mais destacados filósofos do movimento está David Hume, o mais famoso dos oponentes dos milagres. Ele “declarou que todo o conhecimento de ‘assuntos triviais’ (qualquer conhecimento não fundamentado no significado dos termos) é baseado na experiência sensorial”<sup>7</sup>. Hume desenvolveu o argumento da analogia, em que a experiência passada é análoga a nossa experiência. Em outras palavras, a experiência presente julga a

---

<sup>7</sup> EVANS, C. Stephen. *Dicionário de Apologética e Filosofia da Religião*. São Paulo: Editora Vida, 2004, p. 68.

experiência passada. Sendo que sua premissa é que as leis da natureza são fixas e inalteráveis atualmente, conclui que nunca houve qualquer evento que quebrasse ou violasse qualquer processo natural. Conseqüentemente, nunca houve um evento sobrenatural. Por isso, para Hume, a crença em milagres é irracional, haja vista que se baseia em experiências e alegações passadas que não são condizentes com aquilo que experimentamos presentemente.<sup>8</sup>

Paralelo ao tempo e ao pensamento do cético Hume está o reconhecido teólogo anglicano Conyers Middleton, bibliotecário da Universidade de Cambridge. Ele escreveu o livro *A free inquiry into the miraculous powers* que influenciou em larga escala muitos teólogos, ao contrário de Hume que não teve tanta aceitação nesse círculo. Provavelmente, isso se deu devido ao fato de ser teólogo, além de sua linguagem ser considerada bem mais acessível e de fácil compreensão.

Middleton também fez uso do argumento da analogia, evidentemente com algumas particularidades que o diferem do pensamento de Hume.<sup>9</sup> Assim como Hume, ele acredita que nada que acontece hoje difere do que aconteceu ontem, e vice-versa. Como não havia demonstrações de milagres em seus dias concluiu que nunca houve em dias precedentes. Quanto às alegações provenientes daqueles que se dizem testemunhas de feitos milagrosos, Middleton considera-lhes como algo provindo da inocência ou, na pior das possibilidades, da fraude. Para explicar tais alegações, Middleton fez uso do método histórico-crítico que estava florescendo em seus dias. Naturalmente, por fim, conclui que não há evidências para se crer que já houve algum milagre, após a morte dos apóstolos ou de seus sucessores imediatos.

Logo, o pensamento de Middleton foi levado por outros filósofos e teólogos às últimas conseqüências e, obviamente, a legitimidade dos milagres bíblicos foi rechaçada,

---

<sup>8</sup> Pierrat defende que o argumento de Hume é a expressão filosófica do argumento cessacionista de Calvino, haja vista que, no seu entender, as posições de ambos têm forte apelo à experiência. Sem dúvida, nada mais injusto poderia ser dito ao pensamento do ilustre reformador francês com respeito à providência extraordinária. Embora Calvino defendesse que não deveríamos mais esperar por milagres, ele nunca negou que Deus interveio sobrenaturalmente na história, realizando muitos feitos milagrosos. Ademais, a postura que Calvino toma em seus argumentos não gira em torno da experiência dos milagres em si, mas, como já mostramos, em torno da doutrina da revelação. PIERRAT, Alan B. *O dedo de Deus ou os chifres do diabo?: um estudo dos sinais e maravilhas na igreja atual*. São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 33.

<sup>9</sup> Havia tantos paralelos entre os pensamentos de ambos, a ponto de provocar um profundo aborrecimento em Hume, pois achava que Middleton havia tomado seus argumentos, recebendo os louros que a ele era devido.

classificando sua crença em mera superstição infundada. A teologia liberal ganhou terreno fértil para suas teorias e conclusões. Pierrat resumiu a situação nos seguintes termos:

Juntamente com o liberalismo surgido no século XIX, pela primeira vez no cristianismo o elemento miraculoso foi rejeitado como não-essencial e até como indesejável. Os maiores nomes da teologia das épocas intermediárias, Ireneu, Orígenes, Agostinho, Anselmo, Aquino, Calvino, Lutero, etc., admitiam que Deus pode realizar milagres e que estes aconteceram conforme o registro da Bíblia. Nos dois séculos de debate entre católicos e protestantes no período pós-Reforma, a questão nunca foi se Deus era capaz ou não de operar os milagres que as Escrituras relatam. Com o Iluminismo, a situação sofreu uma mudança radical. Os milagres narrados pela Bíblia passaram a ser criticados como impossíveis, improváveis e até indesejáveis.<sup>10</sup>

Embora num primeiro momento a posição liberal possa parecer uma espécie de ateísmo, não podemos considerá-la como tal, estritamente. Os teólogos liberais criam em um deus. No entanto, em suas concepções, mesmo com a existência desse deus, e mesmo tendo ele criado todas as coisas, ainda assim é ilógico conceber que ele viole a própria ordem das leis que ele mesmo criou para regerem a sua criação. Deus existe, certamente, mas não interfere em sua criação.

Essa teologia foi recebida nos meios acadêmicos seculares com louvor e com *status* de ciência. Por conseguinte, os milagres bíblicos foram considerados mitos, lendas, sagas, ficção ou, até mesmo, mentiras piedosas. Schleiermacher, Bultmann e Spinoza estão entre os principais nomes dentro do liberalismo teológico.

#### **1.4 Nos dias atuais**

Os estudiosos em história da igreja têm demonstrado que, quando um posicionamento ou um pensamento é consideravelmente desenvolvido, propagado e bem aceito em determinado período de tempo, uma reação substancialmente diferente do mesmo surge no período subsequente. Nesse sentido, a história se repetiu no tempo aqui tratado. O ambiente anti-sobrenatural e cético que pairava sobre os sécs. XVIII e XIX deu lugar ao avivalismo carismático do séc. XX e início do séc. XXI. Nesse processo de mudança radical, obviamente houve aqueles que procuraram alternativas aos extremos tentando acomodar o seu pensamento ao contexto cultural que estava inserido, enquanto outros permaneceram firmes às posições históricas elaboradas outrora.

---

<sup>10</sup> PIERRAT, 1994, p. 37.



Uma das alternativas escolhida por muitos teólogos conservadores foi unir os milagres aos processos naturais, ao contrário de separá-los – como geralmente é feito. Nesse conceito, os milagres não são eventos que quebram as leis da natureza, mas apenas eventos que aparentemente quebram as leis da natureza como as observamos. Devido à limitação do nosso saber, não podemos atestar que os milagres são quebras dos processos naturais, mas somente daquela parcela que é do nosso conhecimento. Segundo pensam seus os proponentes, não é porque nosso saber científico é restrito que devemos anular a possibilidade de haver leis superiores desconhecidas. Pelo contrário, essa possibilidade deve ser considerada por esse fato. Geralmente, aqueles que adotam esse posicionamento evocam Agostinho como seu idealizador.

Outros se achegaram às tradições teológicas que faziam parte para expressar sua opinião. Esse foi o caso de Benjamin B. Warfield, ilustre teólogo reformado e professor por várias décadas do Seminário de Princeton. Ele resgatou o pensamento dos reformados, reafirmando que os milagres haviam cessado com a morte dos apóstolos e o fim da revelação. Até hoje, a sua obra *Counterfeit miracles* é um clássico reformado a respeito do tema. Nele Warfield faz um apanhado a respeito do testemunho miraculoso no curso da história da igreja, concluindo que as alegações miraculosas pós-apostólicas diferem tanto em qualidade quanto em propósito daqueles que estão registrados na Bíblia.

No entanto, esses dois pensamentos alternativos citados são coadjuvantes nessa era. O movimento carismático foi o protagonista de uma mudança de cenário significativa no parecer quanto aos feitos milagrosos. Primariamente, quando em seu surgimento, os carismáticos tinham a origem de seu argumento na experiência. No entanto, logo, se tornou um argumento bíblico ao afirmar que a história da igreja desde os seus primeiros dias é totalmente linear. Há uma continuidade da igreja de Atos com a igreja de nossos dias. Portanto, se na igreja em Atos encontra-se a operação de milagres, não há razão para não haver prodígios na igreja contemporânea. Essa concepção possui dois pilares que, embora diferentes, são correlatos: (i) os milagres tinham outro propósito que não autenticar a nova revelação dispensada; (ii) os apóstolos não eram os únicos possuidores do dom correspondente. Caso se retire ou anule algum destes pontos, a proposta carismática cai por terra, tornando-se sem sentido.

O pensamento carismático carecia do testemunho histórico, haja vista que não creditavam como verdadeiros os milagres católicos de toda a idade média. A pergunta era: o que aconteceu para que os milagres desaparecessem por tanto tempo da igreja, ressurgindo apenas agora? A resposta mais comum é o declínio do fervor espiritual da igreja, procedente da aliança com o estado, em meados do séc. IV.

No Brasil, seus principais representantes são Davi Miranda, Edir Macedo, R. R. Soares, Valnice Milhomens e Valdemiro Santiago. Os mesmos ganharam grande projeção devido à intensiva aparição nos meios de comunicação em massa como o rádio e a televisão, não apenas propagando seus ensinamentos aos seus fiéis, mas também influenciando e se infiltrando nos arraiais das igrejas protestantes históricas e das igrejas católicas.

## 2 A FENOMENOLOGIA DOS MILAGRES

Deus criou um mundo extremamente organizado e equilibrado. A adição, a subtração ou a alteração desordenada de qualquer elemento no mundo traria grandes problemas para toda a sua organização e equilíbrio. É bem percebido que, ordinariamente, aquilo que acontece na natureza segue uma série de leis, sem qualquer conflito entre si. É devido a tal organização e equilíbrio que a organização do mundo é denominada de “sistema”. O alicerce da ciência se encontra justamente nessa organização, já que é por causa disso que se pode prever com certa precisão o que acontecerá amanhã, já com base no que vimos hoje.

Ao contrário que alguns possam supor, isso não afasta em nada o governo de Deus. Deus criou o mundo assim. A Bíblia nos dá a certeza que o Deus vivo, ordinariamente, governa o mundo através de meios ou causas secundárias que lhe são subordinadas. As chuvas só regam a terra quando ele quer e determina. No entanto, ele as faz com uma regularidade que torna possível a existência da meteorologia. Temos a certeza que nenhum pássaro cai do céu se não tiver de acordo com a vontade de Deus. Apesar disso, é muito provável que qualquer veterinário saiba a média do tempo de vida de cada uma das suas espécies. Isso significa que Deus utiliza instrumentos para operar no universo, e realizar aquilo que deseja (Sl 148.8).

Igualmente, é verdade que o poder de Deus é tão grande que faz com que Ele não necessite de causas secundárias para agir em todos os momentos, mesmo que esse seja o modo mais comum de sua interferência no mundo. Tal posição é bem expressa na Confissão de Fé de Westminster que diz: “Deus, em sua providência ordinária, faz uso de meios, todavia ele é livre para operar sem eles, sobre eles e contra eles, como lhe apraz” (capítulo V, seção III). É nessa liberdade de Deus em agir diretamente sem os meios, sobre os meios e contra os meios que os milagres se enquadram. Evidentemente, é pelo fato de não serem naturais, mas por serem além do natural, que os milagres são sobrenaturais.

Esse capítulo trata a respeito dos milagres enquanto fenômeno que interrompe as leis que regem os processos naturais. Embora esse trabalho vise o propósito divino nos milagres, é mister estudarmos a sua relação com os processos naturais de acordo como está registrado na Bíblia, haja vista ser o parâmetro que temos para avaliar o que seja um milagre. Ora, quais critérios temos para fazer distinção dos milagres com qualquer outro

evento comum? Se não fizermos e respondermos essa interrogação, ingressaremos no pensamento que tudo será milagroso ou nada será extraordinário.

## 2.1 Relação dos milagres com os processos naturais

Geralmente, os milagres são tidos como um evento em que Deus age diretamente, sem o uso de meios. Obviamente, a ocorrência de tal evento se constituiria numa interrupção das leis da natureza, pois todos os processos naturais fazem uso de meios. No entanto, esse pensamento abarca somente parte das ocorrências de milagres contidas na Bíblia. Conforme já citado, a Confissão de Fé de Westminster faz uma ótima e fidedigna classificação dos milagres, fazendo relação entre o fenômeno e os processos naturais. Ela diz que Deus “é livre para operar sem eles [os meios], sobre eles e contra eles, como lhe apraz” (capítulo V, seção III).

### 2.1.1 Milagres que ocorreram sem o uso de meios

Via de regra, tal categoria abarca aqueles eventos em que o efeito não teve causa secundária, ou seja, a causa de todos os efeitos do evento é Deus. Ele agiu diretamente. Nessa categoria enquadra-se a criação do mundo *ex nihilo* - do nada. Essa verdade está demonstrada no cenário que a Bíblia pinta para retratar as condições cósmicas antes da criação em Gn 1.2. O cenário é expresso em quatro termos.

O primeiro deles é תהו, o qual foi traduzido por “sem forma” pela Versão Almeida Revista e Atualizada. Tal termo ocorre 20 vezes em toda literatura veterotestamentária. No livro de Jó, é utilizado para expressar a ideia de nada, vazio, deserto (6.18; 12.24; 26.7). Moisés utilizou o termo para descrever o deserto em que o povo de Israel peregrinava (Dt 32.10). Posteriormente, Isaías o empregou para apresentar uma cidade despovoada (Is 24.10). No Velho Testamento sempre o seu uso dá a ideia de vazio ou totalmente nada.<sup>11</sup>

O segundo termo é בְּהוּ. A relação com termo anterior é de paralelismo, reforçando a imagem de nada absoluto que precedeu o ato da criação. A esse respeito, Groningen faz a seguinte análise:

*Wābōhû*, o segundo termo, aparece duas outras vezes nas Escrituras. Jeremias o usou da forma em que foi empregado em Gênesis (Jr 4.23). Isaías o usou para comunicar a

<sup>11</sup> GRONINGEN, Gerard van. *Criação e consumação*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002, p. 45-46.

ideia de inutilidade ou vazio (Is 34.11). A maioria dos léxicos considera a ideia de vazio como significado mais preciso do termo. É um sinônimo muito próximo de *tōhû* e é usado para enfatizar a ideia de desolação. Alguns escritores, interpretando estas duas palavras, falam de caos primordial. O estado inicial da terra era de desorganização; era inadequado para qualquer tipo de vida. Neste sentido, o termo “caos” pode ser usado.<sup>12</sup>

Os últimos dois termos que fazem parte da figura pintada em Gênesis para as condições cósmicas antes da criação é תהוום e חשך, respectivamente, “escuridão” e “abismo”, terminam de retratar algo bagunçado, inabitável e improdutivo num completo vácuo. Foi nessas circunstâncias que Deus operou sua criação. Do nada fez tudo. Embora não seja costumeiramente reconhecido como tal, a criação é o maior de todos os milagres. Nele é demonstrado não apenas a eternidade e a espiritualidade de Deus, mas sua onipotência, sobretudo.

O poder criador esteve também presente, por exemplo, no milagre da primeira multiplicação de pães e peixes realizada por Jesus (Mt 14.13-21; Mc 6.30-44; Lc 9.10-17; Jo 6.1-14). Os evangelhos relatam que havia uma quantidade diminuta de pães e peixes, algo insuficiente para farta uma multidão de cerca de doze mil pessoas. No entanto, após ter dado graças, Jesus começou a partir o pão, de maneira que todos comeram e se deram por satisfeitos, a ponto dos apóstolos recolherem de pães “doze cestos cheios”. Embora os evangelhos não nos mostrem detalhes a respeito do caso, é necessário que tenha havido o poder da criação envolvido. Houve matéria que, outrora não existente, passou a existir.

### *2.1.2 Milagres que ocorreram acima do uso dos meios*

Os milagres que se enquadram nessa categoria são aqueles eventos em que os meios são utilizados, porém não em seu padrão normal e natural. Os meios são elevados a um nível tal que nunca poderiam chegar por si próprios. O curioso caso da jumenta de Balaão é um exemplo disso. Apesar de ter boca e língua, a sua constituição própria e natural não permite que a mesma se expresse em língua, mas apenas relinchando. No entanto, a Bíblia declara que “o Senhor fez falar (וַתִּאָמֶר) a jumenta” (Nm 22.28). A forma do verbo אמר como encontrado acima é usada em 204 vezes na Bíblia Hebraica, sempre indicando o início de uma locução inteligível em língua vernácula. Portanto, a Bíblia diz que a jumenta falou, e Balaão entendeu perfeitamente.

---

<sup>12</sup> GRONINGEN, 2002, p. 45-46.

Adicionado a esse caso, podemos citar também a gravidez de Sara. A Bíblia diz que ela tinha cem anos quando engravidou (Gn 17.17; 21.1-2; Rm 4.19-21). Convenhamos, por mais que uma mulher de cem anos seja saudável e tenha em seu corpo todos os órgãos necessários para engravidar, é fato que seu período materno cessou, sendo impossível conceber e gerar uma criança. O verbo empregado para expressar a ação de Deus no corpo de Sara é *בָּקַרְתָּ*, visitar. O mesmo verbo é utilizado posteriormente por Moisés para expressar as ações milagrosas que Deus havia feito no meio do povo: “Arão falou todas as palavras que o SENHOR tinha dito a Moisés, e este fez os sinais à vista do povo. E o povo creu; e, tendo ouvido que o SENHOR havia visitado (*בָּקַרְתָּ*) os filhos de Israel e lhes vira a aflição, inclinaram-se e o adoraram” (Ex 4.30-31). Em ambos os casos, a presença de Deus é ressaltada como essencial na ocorrência do milagre.

### *2.1.3 Milagres que ocorreram contra o uso dos meios*

Nessa classe de milagres estão os eventos em que as leis da natureza têm o seu curso alterado de tal forma que seus efeitos são em todo contrários ao processo natural. Um exemplo disso foi o episódio em que o relógio de sol de Acaz retrocedeu, o qual serviu de sinal de Deus em favor da vida e do reino de Ezequias (2Re 20.1-11). O verbo hebraico para expressar a ação de Deus é *וַיִּשְׁבֹּב*, o qual flexionado está no tronco hifil que dá um sentido de causa. Pode ser traduzido como “fez retroceder”, “fez voltar”, “fez girar” ou “fez dar volta”, dando uma ideia de movimento em direção oposta.<sup>13</sup> O retrocesso do tempo vai de total encontro aos processos naturais. No entanto, esse foi o fato.

O que poderíamos dizer acerca da ressurreição de Lázaro (Jo 11), se não que esse caso pode também ser classificado na mesma categoria? Assim como todos os demais corpos de pessoas falecidas, havia forças químicas que operavam dissolução em seu corpo, quando esse estava inerte no túmulo. Certamente, deixado em seu estado natural, o corpo de Lázaro iria apodrecer e se decompor. No entanto, houve a cessação e a modificação de tais forças químicas no corpo inerte de Lázaro, no momento em que Jesus ordenou que o mesmo saísse do túmulo. Evidentemente, as leis da natureza, por si só, levam ao impedimento disso.

## **2.2 A insuficiência da fenomenologia em definir milagre**

<sup>13</sup> SCHÖKEL, Luis Alonso. *Dicionário bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 660-661.

Devido ao fato do milagre ser uma obra divina no mundo externo, muitos teólogos tem o definido em termos de sua fenomenologia. Campos faz sua definição desta forma:

Por milagres refiro-me aos atos sobrenaturais de Deus realizados na história do mundo e percebidos externamente por testemunhas, atos esses que produziram efeitos sobrenaturais na vida das pessoas de tal forma que reconhecidamente somente Deus poderia realizá-los.<sup>14</sup>

Posteriormente, ele acrescenta:

Por milagre eu quero dizer a manifestação divina na vida deste mundo que difere de sua providência ordinária, isto é, por meio das causas naturais. É o poder de Deus manifestado de forma singular, fora dos padrões naturais, que causa espanto e admiração nos homens, para a consecução de seus decretos.<sup>15</sup>

Em sua obra, Pierrat definiu sinais e maravilhas como “qualquer manifestação visível ou palpável do poder ou da presença do Espírito de Deus”.<sup>16</sup> Na nossa consideração, isso não é de todo errado. A relação dos milagres com os processos naturais é, sem dúvida alguma, imprescindível para sua definição. É justamente a interrupção dos processos naturais em determinado evento que torna possível o milagre ser o que é. No entanto, se pretendemos focar o nosso conceito de acordo com o que é narrado e expresso nas Escrituras, não podemos nos contentar em definir milagres em termos de seu fenômeno, porque tal não consegue abranger tudo aquilo que realmente o milagre é. No conceito de Deus, o milagre é um fenômeno, mas não apenas isso. O milagre enquanto fenômeno, por si só, não parece ser tão admirável do que as melhores mágicas. No entanto, dotado de significado e propósito por parte de sua origem divina, o milagre se torna um instrumento que visa alguma coisa. Ora, Deus criou tudo com um propósito. No entanto, em sua criação, ele dotou que tudo fosse governado por leis. Quando Deus interrompe esse processo, é natural que ele tenha um propósito e um desígnio especial em sua sapientíssima mente.

O propósito dos milagres é ser um instrumento de autenticação da nova revelação que está sendo dispensada. Essa foi a principal intenção de Deus ao intervir sobrenaturalmente na história. Destarte, não podemos definir milagres simplesmente milagres com base em seu fenômeno. Biblicamente, o milagre não é menos teleológico do

---

<sup>14</sup> CAMPOS, Heber Carlos. *O ser de Deus e as suas obras: a providência e a sua realização histórica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 39.

<sup>15</sup> *ibidem*, p. 41.

<sup>16</sup> PIERATT, Alan B. *O dedo de Deus ou os chifres do diabo?: um estudo dos sinais e maravilhas na igreja atual*. São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 13.

que fenomenológico. Intrinsecamente há um propósito de Deus nos feitos milagrosos, o qual não pode ser alienado nem dissociado do fenômeno. Dois termos são usados na Bíblia para milagres que expressam muito bem nossa asserção: “sinal” (אֵימָה / σημεῖον) que dá a entender algo que aponta ou indica outra coisa; e “prodígio” (מוֹפֵת / τέρας) que dá a entender um acontecimento que deixa as pessoas admiradas ou perplexas devido ao seu caráter sobrenatural. Embora cada termo carregue consigo uma parcela de significativa importância para a compreensão da matéria, devemos conceber “prodígios” e “maravilhas” como duas formas para se referir a mesma manifestação. Havia um paralelismo entre os termos (At 2.22; 2Co 12.12). Como costumeiramente é exemplificado, são dois lados de uma mesma moeda.

Neste capítulo, abordamos o milagre enquanto “prodígio”, ao passo que no próximo capítulo explanaremos o milagre como um “sinal” de que Deus estava delegando um mensageiro humano com uma nova revelação vinda de sua parte a ser dispensada. Por enquanto, vamos dar a nossa definição de milagre: é o evento em que Deus opera sem o uso dos meios, ou acima do uso dos meios, ou ainda contra o uso dos meios, proporcionando admiração naqueles que a presenciaram, e com a finalidade principal de autenticar uma nova revelação dispensada, credenciando seu portador como enviado de Deus.



### 3 O PROPÓSITO DOS MILAGRES NA BÍBLIA

Ao final de cada ato criador, a Bíblia registra a frase: “E viu Deus que era bom” (Gn 1.4,10,12,18,21,25,31). Tal frase é o resultado de uma avaliação inteligível da criação por parte de Deus, seu próprio criador. Em toda a sua criação, Ele não encontrou falha ou erro. O sistema arquitetado era perfeito, inclusive nas leis que governavam a criação. Considerando essas cousas, imediatamente uma pergunta é evocada em nossa mente: por que Deus haveria de quebrar esse processo? É notório que deve haver uma razão muito especial e singular para Deus intervir em sua própria criação, interrompendo provisoriamente os processos naturais e seus meios.

Para essa questão iminente, várias respostas têm sido produzidas nas mentes de quantos se aproximam do tema. Alguns têm respondido em termos evangelísticos. Nesse sentido os milagres seriam meios pelos quais indivíduos pudessem responder afirmativamente ao senhorio de Deus. Não é sem razão que as famosas cruzadas evangelísticas promovidas por carismáticos sempre possuem um momento em que o evangelista reivindica a cura de enfermidades na vida dos enfermos que estão presentes. Um famoso evangelista carismático respondeu:

Jesus declarou que a cura divina seria um sinal do compromisso divino com a Grande Comissão. Isso aconteceu depois de sua crucificação e ressurreição, quando Ele ainda instruía os discípulos acerca das responsabilidades do Reino e a tarefa de evangelizar o mundo. Jesus claramente afirmou que o restabelecimento de um enfermo, pela imposição de mãos, seria um sinal de que Deus estava cooperando com os crentes no desempenho da tarefa de proclamar o Evangelho.<sup>17</sup>

Já outros, provavelmente a maioria, têm dirigido o caso como viés da compaixão de Deus para com os necessitados de sua ação, tais como os enfermos. Outros têm generalizado a questão, afirmando que os milagres tem o propósito de trazer glória a Deus.<sup>18</sup> Essas são apenas algumas das respostas mais habituais em nossos dias. Poderíamos acrescentar que os milagres tinham como propósito ser um teste – de Deus para com o homem ou vice-versa. Além disso, poderia também os milagres servirem de recompensa ou

---

<sup>17</sup> BERNHARD, Johnson. *Como receber a cura divina*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1995, p. 42.

<sup>18</sup> CONNELLY, Douglas. *Miracles: what the Bible says*. Downers Grove: Intervarsity Press, 1997, p. 34-37. Embora o autor não advogue tais posições, ele pontua bem as mesmas.

punição da parte de Deus para indivíduos ou nações.<sup>19</sup> Facilmente a lista continuaria a um número quase infundável de propósitos, se fossemos nos debruçar nesse sentindo.

Pois bem, se algum ou todos os propósitos citados acima estiverem corretos, não há razão para crer que Deus não intervenha novamente em nossa história contemporânea como fez no período bíblico. Na dependência de sua soberania, ele pode interromper os processos naturais, agindo como apraz a sua mão. Mas, a questão não gira em torno de seu poder, mas de seu propósito. A pergunta não é: o poder de Deus se findou ao realizar os milagres registrados na Bíblia? Mas, sim: o propósito de Deus se findou ao realizar os milagres registrados na Bíblia? Eis o ponto. Os propósitos listados acima, se algum ou todos forem os legítimos propósitos de Deus para os feitos milagrosos, indubitavelmente eles devem ocupar um papel de grande serventia para a igreja de nossos dias. Mas são eles ou algum deles o real propósito dos milagres? Cremos que não.

Por todo o Antigo Testamento, o ministério de Jesus e dos apóstolos, sobejam os indicativos que os milagres ocorridos tinham um propósito qualificado: autenticar uma nova revelação dispensada, e assim assegurar que seu portador era enviado por Deus. “Nas Escrituras, os milagres estabelecem a base sobrenatural da revelação que os acompanhava”.<sup>20</sup> Nesse sentido, os milagres eram uma espécie de envelope da nova revelação que estava sendo entregue. Deus era o seu remetente, e a grafia impressa em sua frente era inegavelmente provinda das suas maravilhosas mãos.

Prontamente admitimos que autenticar a revelação e o mensageiro não era o único propósito dos milagres. Por repetidas vezes, a Bíblia declara que Deus agiu por compaixão (Mt 14.14; 20.34; Mc 1.41; Lc 7.13). No entanto, autenticar a revelação e credenciar o emissário era o propósito principal e basilar, dos quais os outros propósitos eram subservientes e secundários. De maneira que, por mais difícil que seja para a nossa mente admitir, não podemos equiparar em grau de propósito, por exemplo, a compaixão de Deus para com os enfermos com a autenticação de uma nova revelação. Com isso Deus não perde, em nenhum sentido ou qualidade, o seu atributo de amor. Pelo contrário, creio que

---

<sup>19</sup> FREEDMAN, David Noel (ed.). *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1999, v. 4, p. 852.

<sup>20</sup> FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 326.

não existe razão mais amorosa do que essa: revelar que seu Filho morreria na cruz em lugar de pecadores indignos, atestando isso com prodígios de toda sorte.<sup>21</sup>

Enfim, se sua existência e sua ocorrência eram vinculadas à revelação, os milagres necessariamente cessaram quando a revelação cessou. De forma alguma isso é colocar Deus dentro de uma “caixinha”. Pelo contrário, é uma constatação que Deus escolheu soberanamente agir de acordo com uma ordem e um padrão. É isso que pretendemos demonstrar a seguir.

### **3.1 A concentração dos milagres em períodos definidos**

A Bíblia transparece que Deus, debaixo de sua soberana vontade, circunscreveu sua atividade miraculosa a determinados períodos históricos. Durante esse tempo, houve uma prolífera execução de milagres. Ao nosso entender, MacArthur estava correto ao dizer: “Deus pode se interpor na corrente da história sobrenaturalmente a qualquer hora em que quiser. Mas parece que Ele escolheu limitar-se essencialmente a estes três períodos”.<sup>22</sup> Tal períodos foram os que compreenderam os ministérios de Moisés, dos profetas Elias e Eliseu, de Jesus e dos apóstolos.<sup>23</sup>

O que chama a nossa atenção é o fato de que tais temporadas possuíam a mesma característica no processo histórico-revelacional: uma nova revelação estava sendo dispensada, iniciando um novo período de revelação. Assim foi nos tempos de Moisés e Josué, de Elias e Eliseu, de Jesus e apóstolos, de forma que os milagres foram suas credenciais para confirmarem seus ministérios e sua mensagem. Vejamos:

#### *3.1.1 Moisés – a entrega da Lei*

Embora tenha havido algumas intervenções sobrenaturais de Deus anteriormente, a primeira pessoa a quem a Bíblia descreve como operador de milagres é Moisés. Havia uma

---

<sup>21</sup> Podemos ilustrar esse ponto com o episódio que Jesus curou o paralisado, após ser esse introduzido na casa pelo telhado. A Bíblia conta que “o poder do Senhor estava com ele [Jesus] para curar” (Lc 5.17). De fato, ele curou o paralisado. No entanto, a cura da enfermidade em si teve papel secundário, pois claramente esse milagre tinha o propósito de confirmar o seu ministério. Ele disse aos seus opositores: “para que saibais que o Filho do homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados – disse ao paralisado: Eu te ordeno: Levanta-te, toma o teu leito e vai para casa” (v. 24).

<sup>22</sup> MACARTHUR, John F. *Os carismáticos*. 2ª ed. São Paulo: Fiel, 1988, p. 69.

<sup>23</sup> Para fins de organização, devido a execução sobranceira de milagres neste período, esboçaremos este em dois tópicos: Jesus e os apóstolos, respectivamente.

razão clara da parte de Deus para operar milagres por seu intermédio. Humanamente falando, existiam vários e evidentes empecilhos na pessoa de Moisés para liderar um povo: (i) suas faltas, tal como o assassinato de um egípcio injustamente (Ex 2.1-14); (ii) sua humilde ocupação como um mero pastor de ovelhas; (iii) a falta de habilidade e eloquência para conduzir um povo por meio da voz. Certamente, esses fatores o desqualificavam para o exercício da função que lhe fora cabida por Deus. Moisés sabia disso. Fato é que ele temia que o povo não o reconhecesse como enviado de Deus, e reputassem a nada sua mensagem (Ex 4.1).

Frente a essas desvantagens, o Senhor dotou Moisés com milagres que seriam sinais de sua comissão (vs. 2-5). Tal seria que, caso o povo não acreditasse no primeiro sinal, Deus daria outro, de maneira que não faltariam manifestações poderosas e visíveis para habilitar Moisés frente aos incrédulos e duvidosos (vs. 6-9).<sup>24</sup> “Os poderes miraculosos, foram, então, as *credenciais* de que Moisés dispunha para provar que era um profeta enviado por Deus com uma mensagem divinamente revelada”.<sup>25</sup>

Acerca dos milagres que reforçaram a autoridade de Moisés como mensageiro divino, como de práxis, Calvino articula sabiamente os fatos bíblicos numa excelente argumentação:

Então, na verdade tantos e tão insignes milagres que Moisés menciona são outros tantos endossos da lei por ele próprio outorgada e da doutrina por ele comunicada. Ora, visto que foi ele conduzido ao monte em uma nuvem; que aí esteve segregado de convívio humano até o quadragésimo dia [Ex 24.18]; que na própria promulgação da lei a face lhe brilhava como se com raios solares [Ex 34.29]; que, de todos os lados, relâmpagos refulgiam; trovões e estrondos se faziam ouvir por todo o ar; até uma trombeta ressoava soprada por nenhuma boca humana [Ex 19.16]; que a entrada do tabernáculo se mantinha vedada à vista do povo, mercê da nuvem que se lhe antepunha [Ex 40.34]; que, pelo horrendo fim de Coré, Datã e Abirão, e de toda a ímpia facção, a autoridade lhe foi tão admiravelmente vindicada [Nm 16.1-35]; que a rocha golpeada pela vara de pronto lançou de si um rio [Nm 20.10,11; Ex 17.6; 1Co 10.4]; que, ante sua oração, o maná choveu do céu [Nm 11.9; Ex 16.13; 1Co 10.3] – porventura Deus não estava a recomendar do céu precisamente a este homem como seu indubitável Profeta?<sup>26</sup>

<sup>24</sup> Schwertley observa que, “aparentemente, Deus seguiu seu próprio princípio de estabelecer a verdade de algo por meio de duas ou três testemunhas (Dt 17.6; 19.5; Mt 18.6).” SCHWERTLEY, Brian. *Spiritual gifts* [artigo]. Disponível em: <<http://entrewave.com/view/reformedonline/Spiritual%20Gifts,%20part%207.htm>>. Acesso em 07 abr. 2011.

<sup>25</sup> CHANTRY, Walter J. *Sinais dos apóstolos*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1996, p. 21.

<sup>26</sup> CALVINO, João. *As Institutas*. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, v. 1, p. 85.

Enfim, esse primeiro período de milagres compreendeu cerca de cinquenta anos, se constituindo, possivelmente, nos mais importante período de revelação de todo era veterotestamentária. Ele se inicia no momento em que Deus chama Moisés, em Horebe, no meio da sarça ardente, para libertar o seu povo no Egito, até a conquista de Canaã com Josué. Em nenhum momento passado o povo de Deus viu tantos milagres como nesse período. Muitos séculos já haviam decorridos desde a criação. No entanto, se fossemos calcular os prodígios até então, não chegariam próximos à soma do período de Moisés. Essa tão expressiva efusão da atividade milagrosa se deu ao seu importante período na história da redenção. Foi aqui que Deus entregou sua Lei em forma de mandamentos; aqui que ocorreu a formação da nação de Israel; aqui houve a instalação do tabernáculo, do sacerdócio e do sistema sacrificial. À vista dessas coisas, Deus providenciou sobrenaturalmente sinais que as testificassem como provindas de si, bem como o seu mensageiro, Moisés.

### *3.1.2 Elias e Eliseu – o início do período profético*

Após a conquista de Canaã, a qual foi repleta de ocorrências maravilhosas e extraordinárias da parte de Deus, há o princípio de um período em que pouquíssimos milagres são registrados. Durante o período dos juízes, bem como do rei Davi e do rei Salomão, há uma redução considerável na quantidade de milagres registrados nas Escrituras. Está fora de consideração a justificativa de que Deus havia se esquecido do seu povo. Na verdade, presentemente e ativamente ele estava no meio do seu povo, ensinando-lhe e conduzindo-lhe por meio da Lei. Interessante é que, apesar dos raros milagres, não é encontrado alguém lamentando por isso em qualquer lugar das Escrituras que cobrem esse período. Também não se levantou ninguém para explicar tal raridade, justificando que o ocorrido era em decorrência de falta de fé.

O fato é que, após séculos, os milagres voltam à tona com a chegada de Elias. É com ele que o ministério profético tem seu ponto de partida. O cenário nacional dificilmente poderia ser pior para o início do ministério desse profeta do reino do norte. Depois da morte de seu pai, Roboão agiu impiamente, culminando com a separação do povo. A Bíblia registra que o reino do norte logo se afastou do Senhor, entregando-se à idolatria, a qual chegou ao ápice no reinado de Acabe. Ele construiu um templo a baal, bem como um altar. Adicionado

a isso, provavelmente, ele casou com aquela que na Bíblia é a personificação mais próxima da impiedade, a pagã Jezabel. O parecer histórico do escritor inspirado é desolador a respeito de Acabe: “cometeu mais abominações para irritar ao SENHOR, Deus de Israel, do que todos os reis de Israel que foram antes dele” (1Re 16.33).

Foi nesse contexto que Deus levantou o destemido profeta Elias. Durante seu ministério, inaugurou-se uma época de novas revelações dispensadas acerca da pessoa, da obra e do reino do Messias. Análogo ao que ocorreu com Moisés, Elias recebeu o poder de operar milagres com o fim de autenticar sua mensagem e seu ministério. O primeiro milagre de Elias registrado nas Escrituras é a ressurreição do filho de uma viúva. Após predizer grande fome sobre a terra, sendo sustentado por animais que eram divinamente movidos a tal fim, Elias se hospedou na casa de uma viúva, por ordem do Senhor. Nesse interim, o filho da mesma faleceu, tendo Elias a tarefa de ressuscitá-lo, ao passo que, vendo isso, a viúva declarou: “Nisto conheço agora que tu és homem de Deus e que a palavra do SENHOR na tua boca é verdade” (1Re 17.24).

Outrossim, Elias convidou Acabe e todos os profetas pagãos para um desafio no monte Carmelo. Dois animais sacrificados e em pedaços seriam colocados a postos sobre lenha. Orações seriam pronunciadas. Elias invocaria ao Senhor, e os profetas pagãos evocariam o seu deus. Quem respondesse com fogo nos sacrifícios seria considerado o verdadeiro deus. Os profetas pagãos oraram, mas nada ocorreu. Então, Elias rogou ao Senhor que fogo descesse do céu para consumir o sacrifício, legitimando o seu ministério diante do povo (1Re 18.36). Quando o pedido de Elias se concretizou, a Bíblia diz que “vendo todo o povo, caiu de rosto em terra e disse: O SENHOR é Deus! O SENHOR é Deus!” (v. 39).

Posteriormente, no que diz respeito aos feitos milagrosos, Deus usou Eliseu semelhantemente como havia usado a Elias. Nesse sentido, Eliseu foi o sucessor de fato de Elias, pois os mesmos elementos sobrenaturais marcaram os ministérios de ambos.

Tão logo Elias e Eliseu morreram, o reino do norte deslembrou daquilo que Deus havia feito em seu meio por meio dos ministérios proféticos desses. Em sua maioria, continuaram a adorar outros deuses de povos estranhos. Novamente, sucedeu um longo período em que a ocorrência de milagres era pouco frequente, tanto no reino do sul quanto no reino do norte. “Deus falou a Isaías, a Jeremias e a Oséias, e eles deram ao povo a

mensagem de Deus. Mas pouquíssimas, se alguma, obras de poder miraculosas marcaram seus ministérios”.<sup>27</sup>

Só houve uma reaparição significativa dos milagres no período do cativeiro babilônico com Daniel. No entanto, embora haja milagres, não podemos encarar esse período como análogo aos demais, devido ao número de suas ocorrências.<sup>28</sup> Mas, quando Daniel morreu, sem tardança os milagres desapareceram para, então, reiniciar uma longa temporada sem qualquer menção escriturística de qualquer ocorrência milagrosa, reaparecendo apenas com a chegada de Jesus.

Reafirmamos que Deus estava ininterruptamente com o seu povo, mesmo sem obras de feitiço milagroso. Nesse interregno, por exemplo, ele preservou e libertou o seu povo no tempo de Ester por meio de sua providência ordinária, concretizando seus decretos sem o auxílio de ferramentas extraordinárias. Ademais, o que poderíamos dizer da tão grande obra que a mão poderosa de Deus conduziu no tempo de Neemias e da reconstrução de Jerusalém? Seguramente, Deus conduziu toda a empreita. Mas sem milagre algum. Não houve pragas para convencer o rei que o povo deveria retornar para a terra que o Senhor lhe dera por herança. A Bíblia declara que foi o Senhor que moveu o coração do rei para consentir que o povo voltasse e reconstruísse Jerusalém. Foi o Senhor que deu sabedoria para que Neemias arquitetasse um plano que trouxesse ânimo e coragem ao povo para retornar e trabalhar. Para tanto, frustrou os intentos malignos de seus inimigos. Todo esse conjunto de obras reconfirma o cuidado de Deus para com o seu povo, bem como seu poder – mesmo usando os meios ordinários.

### *3.1.3 Jesus – o Messias prometido*

Quando adentramos no Novo Testamento, há um acentuado aumento na ocorrência de milagres. A maior parte destes milagres girava em torno de curas de enfermidades. O Antigo Testamento já preanunciava que, no tempo do Messias, “se abrirão os olhos dos cegos, e se desimpedirão os ouvidos dos surdos; os coxos saltarão como cervos, e a língua dos mudos cantará; pois águas arrebentarão no deserto, e ribeiros, no ermo” (Is 35.5-6). Existem duas razões, pelo menos, para essa concentração em curas de enfermidades: (i) Os

---

<sup>27</sup> CONNELLY, 1997, p. 25.

<sup>28</sup> Há alguns estudiosos que incluem o ministério de Daniel como um dos períodos dos milagres. É o caso de Connely.

milagres veterotestamentários ocorriam no âmbito de Israel, ou seja, estavam diretamente ligados à sua proteção, preservação, libertação e promoção da nação. No Novo Testamento o foco se estende para além das fronteiras de Israel, chegando a todos os povos e nações. Agora, o favor divino não está mais concentrado em uma única nação, o que certamente exclui os fatores sociais e políticos da teocracia de Israel que estavam entranhados com os milagres que ocorriam em seu seio, durante a antiga dispensação. (ii) Jesus Cristo veio trazer redenção para o homem perdido em seus pecados. Não há nada que retrate mais nitidamente as consequências do pecado do que a enfermidade e a morte física. De igual forma, a cura também representava limpidamente a redenção do pecado oferecida por Cristo Jesus. Desta forma, nada mais natural do que as operações miraculosas do Senhor Jesus e dos apóstolos se concentrassem em curas de enfermidades.

É importante dizer que, embora haja essa pequena diferença de nuance nos milagres da velha dispensação para com os que ocorrem na nova dispensação, ambos têm o mesmo propósito: ser a base sobrenatural da revelação de Deus para sua autenticação. Isso é melhor demonstrado em Cristo Jesus mais do que em qualquer outro indivíduo. Sobre os milagres de Cristo, Calvino diz:

embora eu reconheça serem operados iguais e semelhantes tanto pelos profetas quanto pelos apóstolos, entretanto nisto está a máxima diferença: que estes, por seu ministério, apenas administraram os dons de Deus; aquele [Jesus] manifestou neles seu próprio poder. É verdade que, por vezes, ele se serviu da oração para reportar-se à glória do Pai; na maioria dos casos, porém, vemos seu próprio poder manifesto diante de nós. E como não seria o real operador dos milagres aquele que, de sua própria autoridade, confere a outros sua administração?<sup>29</sup>

Podemos afirmar que, tanto em número como em exuberância, os milagres de Cristo superam a qualquer um dos apóstolos. No Novo Testamento, a revelação de Deus atinge seu ápice em Cristo, de forma que durante seu ministério, mais do que em qualquer outro, encontramos uma soma de obras prodigiosas que o autenticam suas palavra e sua pessoa como o Filho de Deus. Os Evangelhos comprovam nossa assertiva, mostrando um aspecto que é, ao mesmo tempo, glorioso e cativante: os milagres de Jesus estavam tão entrelaçados com suas mensagens, a ponto dos mesmos serem carregados de significados. Como dito anteriormente, um dos termos usados na Bíblia para denominar milagres é “sinal”, o qual dá a entender algo que aponta ou indica outra coisa. Em Cristo, tais eventos eram carregados

---

<sup>29</sup> CALVINO, 2006, p. 135.



de simbolismo. Como certo autor já havia dito, os milagres são uma espécie de parábola viva. As ocorrências de milagres narradas no Evangelho de João são abundantes nesse sentido.

João traz à tona algumas dessas lições unindo sinais a discursos reveladores ou a eventos que elucidam seu significado. Alimentar os cinco mil precipita o discurso do 'pão da vida'. Um significado parcial desse sinal, portanto, é que Jesus não só provê o pão, como ele mesmo é o 'pão da vida', à parte do qual todos permanecem mortos (Jo 6). A ressurreição de Lázaro é colocada junto de uma das grandes exclamações do 'Eu sou', de Jesus: 'Eu sou a ressurreição e a vida' (Jo 11).<sup>30</sup>

Noutra vez, Jesus disse: "Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida" (Jo 8.12). Em seguida, Jesus curou um cego de nascença, e explicou a cura: "É necessário que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo" (9.4-5).

Esse aspecto simbólico dos milagres de Cristo só reconfirma a ideia de que os mesmos não tinham um fim em si mesmo, mas sim com vistas à autenticação da mensagem que estava sendo revelada. Em muitas outras passagens isso é demonstrado de uma forma direta através de declarações. Por exemplo, no entendimento de Cristo, os milagres confirmavam seu ministério e suas palavras como provenientes de Deus. Após curar um paralítico nos arredores do tanque de Betesda, Jesus disse aos descrentes judeus: "as obras que o Pai me confiou para que eu as realizasse, essas que eu faço testemunham a meu respeito que o Pai me enviou" (Jo 5.36). Esse juízo era tão presente na mente de Cristo, a ponto do mesmo repetir essas mesmas palavras aos judeus em Jo 10.25, ao passo que perguntou aos mesmos: "tenho-vos mostrado muitas obras boas da parte do Pai; por qual delas me apedrejais?" (v. 32). Outrossim, quando interrogou Jesus afim de saber se ele era o Messias prometido pelos profetas, João Batista recebeu a seguinte resposta: "os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho" (Mt 11.5). Suas obras milagrosas testemunhavam a seu respeito como aquele que Deus havia enviado. Por essa razão, os discípulos deveriam crer em suas palavras como vindas do próprio Pai (veja Jo 14.10-11). Ao passo de que quem rejeitasse os seus milagres estava rejeitando o próprio Pai

---

<sup>30</sup> CARSON, D. A. O propósito de sinais e maravilhas no Novo Testamento. In: HORTON, Michael Scott (Ed.). *Religião de poder*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1998, p. 78.

(15.24). Não é sem razão que, certa feita, durante a Festa da Dedicção, interrogaram a Jesus a respeito dele ser o Cristo. Sua resposta é elucidativa para nós: “já vo-lo disse, e não credes. As obras que eu faço em nome de meu Pai testificam a meu respeito” (Jo 10.25).

A concepção de que os milagres autenticavam o ministério e a palavra de alguém não era uma exclusividade ou uma novidade da parte de Cristo. A própria concepção judaica da época de Jesus também confirma esta disposição dos milagres como testemunhas da revelação. Isso é bem ilustrado no caso de Nicodemus que, ao encontrar Jesus, disse: “Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele” (Jo 3.2). Posteriormente, um cego de nascença que fora curado por Jesus declarou com ironia aos judeus que descreiam que ele era o Filho de Deus, mesmo diante de tão evidentes sinais: “Nisto é de estranhar que vós não saibais donde ele é, e, contudo, me abriu os olhos. [...] Se este homem não fosse de Deus, nada poderia ter feito.” (Jo 9.30,33). Noutra ocasião, escribas e fariseus instaram que Jesus realizasse um milagre afim de confirmar seu ensino (Mt 12.38). Já no episódio do milagre da multiplicação dos pães e dos peixes, em que Jesus alimentou cinco mil pessoas, o texto diz que, após todos se fartarem, “vendo, pois, os homens o sinal que Jesus fizera, disseram: Este é, verdadeiramente, o profeta que devia vir ao mundo” (Jo 6.14).

Embora os milagres de Cristo tenham chegado ao fim, o seu propósito permanece mesmo que estes milagres estejam presentes apenas documentalmente na Bíblia. Após relatar vários milagres que Jesus havia realizado, o apóstolo João diz que ele fez “diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo” (Jo 20.30-31).

#### *3.1.4 Os apóstolos e os evangelistas – a propagação das boas novas*

Após a morte de Jesus, os apóstolos continuaram operando milagres em seu nome, os quais ele mesmo havia escolhido e preparado em seu ministério. Segundo os registros bíblicos, no período que corresponde às primeiras décadas da igreja nascente, os milagres estavam restritos aos apóstolos e aos evangelistas. Somente aqueles que exerciam tais ofícios tinham poder para realizar obras milagrosas. Tais ofícios eram de caráter extraordinário e temporal, pertencentes ao período de fundação da igreja.

Os milagres foram uma espécie credencial divina para os apóstolos e evangelistas que eram portadores da revelação. Eles serviam de evidências divinas da veracidade da mensagem e do envio do portador. Por isso, em Atos, há vários registros em que a ocorrência do milagre precede a pregação do Evangelho (At 2.14-39; 3.11-26; 4.8-12; 5.12-16; 6.8-10; 8.5-7; 9.33-35; 9.40-42; 14.3; 19.11-20).

Os apóstolos fizeram muitas menções aos prodígios de Cristo, sempre reforçando o fato de que tais obras confirmavam o seu ministério. Na pregação do Pentecostes, Pedro conclamou a multidão para reconhecer os milagres de Jesus como sinais de que Deus o havia enviado. Ele disse: “Varões israelitas, atendei a estas palavras: Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós, como vós mesmos sabeis” (At 2.22). A prova de Deus para o real envio de Jesus foi os milagres, os prodígios e os sinais que ele realizou. Pedro usou argumento semelhante ao usado no Pentecostes quando pregou para Cornélio. As curas realizadas por Cristo demonstravam que “Deus era com ele” (At 10.38).

As referências que os pregadores apostólicos fizeram a respeito dos milagres como credenciais da revelação não ficaram restritas aos milagres operados por Cristo. Exemplo disso é que na pregação que Estevão proferiu sobre os milagres que Moisés realizara no meio de Israel, nos tempos do êxodo do Egito, disse que o mesmo “recebeu palavras vivas para no-las transmitir” (At 7.38). A esse respeito, MacArthur Jr. fez um comentário pertinente:

É importante notar que Moisés e seus sinais são ligados às “palavras vivas”, noutras palavras, revelação de Deus. Seja Moisés ou profetas como Elias e Eliseu, ou Cristo e o apóstolos, Deus sempre deixa claro quando Seu mensageiro está trazendo nova revelação. E Ele comprova essa revelação com maravilhas e sinais.<sup>31</sup>

Já no que compete aos milagres protagonizados pelos apóstolos e evangelistas, salientes são os dados que demonstram o propósito de Deus como já temos afiançado. A Bíblia documenta que, após Pedro curar um coxo de nascença que esmolava diariamente nos limites do templo, houve grande admiração e sobressalto por parte do povo ao ver o episódio. Diante dessa reação, Pedro os interrogou: “Israelitas, por que vos maravilhai disto ou por que fitais os olhos em nós como se pelo nosso próprio poder ou piedade o

---

<sup>31</sup> MACARTHUR, 1988, p. 72-73.

tivéssemos feito andar?” (At 3.12). Ao passo que ele mesmo respondeu: “Pela fé em o nome de Jesus, é que esse mesmo nome fortaleceu a este homem que agora vedes e reconheceis; sim, a fé que vem por meio de Jesus deu a este saúde perfeita na presença de todos vós” (v. 16). Um dia depois, Pedro foi interrogado pelas autoridades do templo a respeito do que sucedera. Ele asseverou: “tomai conhecimento, vós todos e todo o povo de Israel, de que, em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, a quem vós crucificastes, e a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, sim, em seu nome é que este está curado perante vós” (At 4.10). Como demonstrado nas palavras do apóstolo, o propósito daquele milagre não era outro senão o de autenticar a obra de Cristo, e conseqüentemente a sua comissão apostólica.

Os milagres tiveram papel de suma importância nas empreitas evangelísticas que marcam esse primeiro período da igreja cristã. Devido a seu caráter sobrenatural, o fenômeno chamava atenção da multidão. A admiração não era um propósito em si dos milagres, mas uma reação natural daqueles que presenciavam os eventos de sua ocorrência. De sorte que a admiração da multidão diante dos milagres proporcionava atenção para que a mesma desse ouvidos à nova revelação. Quando os apóstolos operavam os milagres, a Bíblia diz que “o povo lhes tributava grande admiração. E crescia mais e mais a multidão de crentes, tanto homens como mulheres, agregados ao Senhor” (At 5.13-14).

Dentre as várias empreitas evangelísticas que demonstram o uso dos milagres para credenciar a nova revelação está o caso do evangelista Felipe que, pregando na região de Samaria, a Bíblia diz que “as multidões atendiam, unânimes, às coisas que Filipe dizia, ouvindo-as e vendo os sinais que ele operava. Pois os espíritos imundos de muitos possessos saíam gritando em alta voz; e muitos paralíticos e coxos foram curados” (At 8.6-7). Outra ocorrência importante para nossa consideração ocorreu em Icônio, onde estava pregando Paulo e Barnabé. Houve aceitação da pregação e conversão por parte de judeus e gentios em grande número. Irritados com o sucesso da investida da mensagem apostólica, alguns judeus levantaram discórdia entre a multidão. Pedro e Barnabé “entretanto, demoraram-se ali muito tempo, falando ousadamente no Senhor, o qual confirmava a palavra da sua graça, concedendo que, por mão deles, se fizessem sinais e prodígios” (At 14.3).

A notoriedade dos milagres apostólicos era tal que o reconhecimento dos mesmos era uma obrigação que repousava sobre todas as suas testemunhas, mesmo quando isso

fosse de encontro ao próprio intento de seus inimigos. Em At 4.16-17, o Sinédrio orquestrava planos para deter a divulgação dos milagres apostólicos, os quais não poderiam reputar como falsos diante de suas evidências tão reluzentes. Como negar a autoridade divina na comissão de Pedro, quando os enfermos das mais diversas sortes eram curados de seus males pela simples projeção de sua própria sombra (At 5.15)? Ora, se não bastasse esse exemplo, como denegar a mensagem de Paulo, quando um mero lenço de seu uso era um instrumento para curas e exorcismos, sem nem o mesmo estar presente (At 19.11-12)? Não havia outra explicação cabível: tais homens eram enviados por Deus para anunciar sua mensagem.

### **3.2 O lugar dos milagres no processo histórico-revelacional**

Observamos que os milagres tinham o propósito de autenticar a nova revelação bem como credenciar o seu portador. Importa agora analisarmos o lugar dos milagres durante o processo de revelação que Deus gerenciou durante a história. Essa verificação é de valor ímpar para avaliar a doutrina carismática da contemporaneidade da providência extraordinária.

Advogamos até aqui que aprouve Deus em sua soberania concentrar seus feitos sobrenaturais em períodos. Tais períodos em que os milagres se concentravam eram períodos importantes na história da revelação. Entre tais períodos, houve uma redução ou até mesmo um desaparecimento dos milagres. Em todo caso, o processo sucede em uniformidade.

Então, a pergunta que nos resta é a que segue: há lugar para milagres nos dias atuais? Afirmamos negativamente. O processo histórico-revelacional chegou ao fim, quando os apóstolos entregaram a revelação que lhes havia sido dispensada. Não há nada mais novo a ser revelado, o que demite a razão com a qual os milagres se davam. Isso exclui também a possibilidade dos mesmos serem revelados por outras razões, como a compaixão pelos enfermos. A autenticação da revelação era objetivo divino para com os milagres. Percebe-se pelas Escrituras que qualquer outro propósito registrado na mesma é de caráter secundário. Elevar a compaixão de Deus e as necessidades físicas do homem a um patamar idêntico ao da revelação no que diz respeito ao desígnio divino nos feitos milagrosos, por exemplo, é equiparar um objeto que nos foi presenteado ao papel que está envolto ao mesmo.

Os carismáticos replicarão: o que de sobrenatural aconteceu na igreja nascente, conforme registrado no livro de Atos, não é apenas um relato de uma época especial vivida por aqueles que a integravam, mas sim um relato daquilo que a igreja deve ser em todas as épocas. De maneira que os milagres não devem apenas ser possíveis, mas necessários para a igreja nos dias de hoje. Burgess, reconhecido teólogo do meio pentecostal-carismático, diz: “A comunidade cristã em todos os tempos necessitou deste precioso dom em virtude que a fé cresce tanto em extensão quanto em profundidade”.<sup>32</sup>

Mas essa alegação carismática não condiz com aquilo que encontramos nas Escrituras. Os prodígios que os apóstolos e os evangelistas operaram em Atos não são normativos para os nossos dias. Eles fazem parte da história da redenção, e não da ordem da salvação.<sup>33</sup> Não devemos esperar que os eventos que ocorreram na história da redenção, à medida que o processo revelacional se desenrolava, sejam repitadas nos dias de hoje. A revelação se deu na história da redenção, e, por conseguinte, os milagres também.

As Escrituras demonstram isso ao mostrar uma diminuição dos milagres na medida em que o período apostólico se encaminhava ao fim. Numa de suas últimas cartas, a carta aos cristãos filipenses, o apóstolo Paulo relata que essa igreja ficou profundamente angustiada com a enfermidade que acometeu Epafrodito, seu cooperador (Fl 2.25-27). Mesmo com proximidade proveniente de seu convívio e com o conhecimento de sua utilidade no serviço da igreja, Paulo não operou uma cura milagrosa para os males físicos que Epafrodito se deparava. Noutra ocasião, também em uma de suas últimas cartas, Paulo não operou a cura da doença que Timóteo carregava em seu estômago (1Tm 5.23). Já Tiago em sua carta não incentiva nenhum crente enfermo a ir ao seu encontro, nem ao encontro de algum apóstolo ou evangelista em busca de uma cura milagrosa. Pelo contrário, o fiel

---

<sup>32</sup> BURGESS, Stanley M. Gift of Miracles. In: MCGEE, Gary B.; ALEXANDER, Patrick H. (Ed.). *Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements*. 9ª Ed. Grand Rapids: Zondervan, 1996, p. 606.

<sup>33</sup> Conforme Gaffin define, “‘a expressão história da salvação’ [para o autor a expressão é equivalente a ‘história da redenção’] refere-se aos eventos que fazem parte da realização da obra de Cristo, feita uma vez por todas, a conquista da salvação. Os eventos na história da salvação (tais como a morte e a ressurreição de Cristo) estão totalmente consumados, nunca serão repetidos e têm importância para todo o povo em todos os tempos. Mas a frase ‘ordem da salvação’ refere-se aos eventos na aplicação contínua da obra de Cristo aos indivíduos no decurso da história – a fé salvífica, a justificação e a santificação. Quando os crentes se apropriam da obra de Cristo, essas experiências fazem parte da ‘ordem da salvação’, e não (empregando termos teológicos) da ‘história da salvação’”. GAFFIN, Richard B. O ponto de vista cessacionista. In: GRUDEM, Wayne. (Org.). *Cessaram os dons espirituais? : 4 pontos de vista*. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 31.

enfermo deve buscar apoio espiritual no âmbito da igreja, pedindo aos presbíteros que “façam oração sobre ele, ungiendo-o com óleo, em nome do Senhor” (Tg 5.14).<sup>34</sup>

É possível perceber nitidamente numa simples observação que há um contraste marcante entre os cenários da igreja do início do período apostólico e da igreja do fim do período apostólico. Praticamente, os milagres diminuem na igreja, a ponto de quase desaparecerem – mesmo ainda tendo alguns apóstolos ainda vivos. No entanto, nenhum escritor do final desse período lamentou a respeito da atenuação do miraculoso. Apenas registraram naturalmente aquilo que estava ocorrendo: o período dos milagres apostólicos estava chegando ao seu fim.

Enfim, ao contrário dos outros períodos que sempre antecederiam novos períodos de milagres, após o período apostólico não há a expectativa de uma nova temporada de feitos sobrenaturais, pois a revelação já havia sido dada completamente, e assim consumada com a revelação dada aos apóstolos. Ao menos, podemos citar duas passagens a esse favor.

A primeira delas é Hb 2.1-4. Enquanto falava a respeito do cumprimento das profecias veterotestamentárias na pessoa de Jesus Cristo, o qual é muito superior a todos os anjos, o autor da carta fala da necessidade de apego para com aquilo que ele disse a respeito da salvação, ou seja, as “verdades ouvidas” do Evangelho (v. 1). Nos versos 3 e 4, nos é mostrado o histórico de como essas verdades foram ouvidas. “A qual, tendo sido anunciada inicialmente pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram; dando Deus testemunho juntamente com eles, por sinais, prodígios e vários milagres e por distribuições do Espírito Santo, segundo a sua vontade.” Essa passagem nos ensina que o Evangelho, pregado primeiramente por Jesus, foi repassado por suas testemunhas oculares – os apóstolos, o qual foi confirmado por Deus com toda sorte de milagres. Tal argumentação condiz com o que está registrado nos Evangelhos, em que Jesus confere aos apóstolos “poder e autoridade sobre todos os demônios, e para efetuarem curas. Também

---

<sup>34</sup> Interpretamos esta unção com óleo que Tiago faz menção como um tratamento de enfermidades comum para sua época. O óleo tinha propriedades medicinais, principalmente no que diz respeito à cicatrização de feridas. Na parábola do bom samaritano, Jesus ilustra esse uso do óleo (Lc 10.34). O bom samaritano trata as feridas do doente, “ungindo” ou pressionando-as com óleo. No texto, o verbo “pensar” é o mesmo verbo “ungir” que Tiago usa em sua carta. O que ele nos ensina, portanto, é uma atitude dos crentes enfermos em buscar oração por parte dos presbíteros em seu favor, mesmo fazendo uso dos meios naturais que lhe estão disponíveis.

os enviou a pregar o reino de Deus e a curar os enfermos” (Lc 9.1-2 – veja também Mt 10.5-8).

O fato é que o autor de Hebreus restringe aos apóstolos (e por analogia, também àqueles que tinham credenciais apostólicas como os evangelistas) a efetuação dos milagres. Somente os apóstolos foram testemunhas oculares de Cristo. A esse respeito, Chantry diz:

Outra vez os milagres do Novo Testamento são escrituradamente enfocados como o divino selo de aprovação referente à mensagem dos apóstolos, que não era outra coisa senão o registro inspirado das coisas que eles viram e ouviram enquanto estavam com Jesus.<sup>35</sup>

A revelação do Evangelho nas palavras de Cristo e dos apóstolos foi confirmada pelos milagres operados por suas mãos. Não há nenhuma indicação que devemos esperar novos milagres para atestar uma revelação que já foi confirmada anteriormente. Uma das razões consideradas para tal é a extinção do ofício de apóstolo, o que será tratada na passagem seguinte.

A segunda passagem que arrolamos para justificar a não espera de um novo período de milagres é Ef 2.20. O texto faz clara diferença do período apostólico e do pós-apostólico ao ilustrar a igreja como um edifício, em que o primeiro período é semelhante ao assentamento de seu fundamento, enquanto o período pós-apostólico é o restante do edifício. Uma vez que o fundamento foi sentado, obviamente não há necessidade de fazê-lo novamente. Isso se aplica a tudo aquilo que era inerente e exclusivo ao ofício apostólico em seu período de atuação – como os milagres.

Desta forma, podemos ilustrar o escopo dos milagres no processo histórico-revelacional com o seguinte losango:

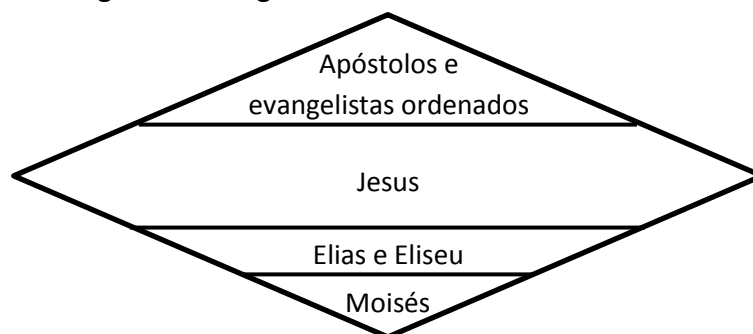


Fig. 1: Escopo dos milagres no processo histórico revelacional

<sup>35</sup> Chantry, 1996, 27.



Os milagres tem sua primeira grande consecução no período mosaico, em que a Lei é entregue ao povo. Eles voltam a reaparecer com Elias e Eliseu, período no qual o profetismo está iniciando oficialmente no meio do povo de Deus. Várias revelações são entregues nesse período. Novamente, decorrido um longo tempo com uma diminuta ação sobrenatural, Deus inaugura um novo período de operações miraculosas com Jesus. Aqui a revelação chega ao seu ápice, pois foi aqui que Deus de uma vez por todas desvendou “o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito que propusera em Cristo, de fazer convergir nele, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu como as da terra” (Ef 1.9-10). Em nenhum momento da história, os milagres tiveram tanto espaço como nos tempos de Cristo, pois nele se concentra o alvo e o centro da revelação de Deus. Após a morte de Cristo, os apóstolos continuam entregando novas revelações vindas da parte de Deus, sendo testificados por meio dos milagres. No entanto, à medida que a revelação se aproxima da sua completude ao cânon ser fechado, os milagres saem de cena até desaparecerem completamente. Advogar milagres hoje é advogar nova revelação, e um cânon aberto – algo inadmissível para nós.

## 4 OS MILAGRES CARISMÁTICOS

O prodigioso é algo buscado pelos carismáticos. Isso é refletido em muito nas suas concentrações, quando em cultos ou em reuniões. Via de regra, os milagres carismáticos são pintados por uma série de características que são facilmente identificadas, após observar alguns de seus vários programas televisivos. Podemos citar algumas delas: (i) associação direta ao milagreiro que, geralmente, é o dono da igreja; (ii) condicionados ao lugar da concentração; (iii) são registrados depois do prodígio; (iv) os envolvidos em cura nunca são reconhecidos posteriormente. No entanto, são essas características legítimas dos milagres?

### 4.1 Características dos milagres bíblicos

Devido ao seu caráter sobrenatural, é difícil englobar características próprias dos milagres, enquanto fenômeno.<sup>36</sup> No entanto, as ocorrências dos milagres na Bíblia estão marcadas por uma série de pontos em comuns. Visando a temática dessa obra, daremos maior ênfase nos milagres de cura, haja vista ser os que mais são alegados no seio carismático.

#### 4.1.1 Os milagres são realizados no mundo externo

Os milagres são passíveis de serem notados e discriminados com um alto grau de certeza pelos sentidos do corpo humano, como a visão, a audição e o tato. Como outrora aludido, um termo usado na Bíblia para denominar milagres é “prodígio” (מִוֶּדְעָה / τέρας), que dá a entender um acontecimento que deixa as pessoas admiradas ou perplexas. Certamente, dois casos que se enquadram bem aqui são os episódios da restauração da filha do líder da sinagoga (Mc 5.41-42) e da sarça ardente (Ex 3.1-14).

No meio carismático, os milagres são interpretados individualmente. “Eu fui curado” ou “você recebeu agora a cura” são frases constantemente ouvidas. No entanto, na Bíblia, os milagres não são interpretados com base numa experiência individual. Na Bíblia, os milagres são vistos e constatados pelos sentidos.

---

<sup>36</sup> Devido a essa dificuldade, alguns defendem que não há possibilidade de destacar qualquer característica dos milagres, além da sua ocorrência inusitada. Gordon Clark, por exemplo, defende que não existe uma característica homogênea em todos os milagres, além de “que os milagres não são comuns e são maravilhosos”. CLARK, G. H. Milagres. In: TENNEY, Merrill C. (Ed.). *Enciclopédia da Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, v. 4, p. 277.

#### 4.1.2 Os milagres são imediatos

Não há qualquer caso em toda a Bíblia que a realização de um milagre possa ter sido prorrogada para outro tempo. Isso ganha valor quando aplicados à cura. O efeito da cura milagrosa não era apenas rápido, mas instantâneo. Um exemplo disso é o milagre do paralítico em Betesda (Jo 5.1-9). Após Jesus pronunciar a frase “levanta-te, toma o teu leito e anda” (v. 8), João chama atenção ao fato de que “imediatamente, o homem se viu curado e, tomando o leito, pôs-se a andar” (v. 9). Outro exemplo é o milagre realizado por Pedro na restauração de um coxo de nascença que ficava à porta do templo (At 3.1-10). Após Pedro ordenar que ele andasse, o texto diz que “imediatamente, os seus pés e tornozelos se firmaram; de um salto se pôs em pé, passou a andar e entrou com eles no templo, saltando e louvando a Deus” (v. 7-8). Ninguém foi pra casa com a promessa de ser curado, tendo que esperar horas, dias ou meses para os efeitos do milagre pudessem ser manifestos.<sup>37</sup>

#### 4.1.3 As curas milagrosas são sempre bem-sucedidas e sem recaídas

O êxito dos milagres de Cristo e dos apóstolos não dependia de qualquer que fosse a enfermidade (até mesmo a morte) ou a circunstância (até mesmo enfermidades de nascença). Ademais, “não há registro de alguém que tenha recebido o milagre e voltado à condição antiga”.<sup>38</sup> Milagres de cura eram sinônimos de curas permanentes.

#### 4.1.4. Os milagres de cura são focalizados em doenças orgânicas

Nem Jesus Cristo nem os apóstolos nunca curaram doenças funcionais, tais como dores de cabeça e cólicas. O que são registrados nas Escrituras são curas de pessoas que eram cegas (Jo 9) e aleijadas desde o nascimento (Jo 5), bem como um homem que tinha sua mão ressequida (Mc 3). Igualmente, os apóstolos curaram um paralítico que tinha essa condição desde o seu nascimento (At 3). O interesse estava totalmente voltado para aquilo

---

<sup>37</sup> Sobre esse ponto é comum contra argumentar baseado no relato da cura do cego de Betsaida, visto que o mesmo ocorreu em dois momentos (Mc 8.23-25). No entanto, esse texto não dá base para isso por duas razões. Primeiramente, os dois momentos da cura foram inter-relacionados. Não é sem razão que, após o primeiro toque, Jesus perguntou se o cego estava vendo para, somente então, curá-lo definitivamente, sem perguntar mais nada. Em segundo lugar, como já foi destacado na primeira característica, os milagres de Jesus carregavam significados, e não meras demonstrações de poder sobrenatural. Ele queria falar sobre a cegueira espiritual das pessoas com relação a seu respeito (veja vs. 26-29).

<sup>38</sup> GEISLER, Norman. *Enciclopédia de apologética*. São Paulo: Editora Vida, 2002, p. 573. Evidentemente, aqueles que foram ressuscitados morreram novamente. No entanto, isso não ocorreu devido o milagre ter sido anulado. A promessa de Deus é que somente haverá a ressurreição final e definitiva na segunda vinda de Cristo (1Co 15.52-53).

que é impossível de qualquer pessoa operar por meio dos recursos naturais disponíveis. Aquilo que o médico podia curar, Deus, em sua soberania, decidiu não curar interrompendo o uso dos meios.

Geralmente, os milagres protagonizados pelos carismáticos são relacionados às manifestações psicossomáticas, ou seja, manifestações que têm origem psíquica. A mente humana tem uma influência incrível sobre o corpo. Estima-se que 80% das doenças têm alguma relação com o estresse. Com base nessa relação mente-corpo, estudos recentes têm comprovado a antiga idéia que tanto doença quanto cura podem ocorrer em decorrência de alguma influência psíquica. Diante disso, não há razão para qualquer surpresa de nossa parte, pois foi a sabedoria divina que criou tal relação. Ademais, as Escrituras asseveram que existe efeito da mente sobre a saúde da pessoa (Pv 17.22). O que não se pode admitir é que melhoras de complicações psicossomáticas sejam milagres como os carismáticos colocam, já que causas naturais estão envolvidas. No efeito placebo, por exemplo, a confiança numa mera pílula de açúcar causa estímulos na mente do indivíduo a controlar a dor, chegando a ponto de curar algumas enfermidades de ordem funcional. No entanto, curas psicossomáticas não envolvem curas de doenças orgânicas, tal como a cegueira. Portanto, não é sem razão que, geralmente, as “curas carismáticas” são caracterizadas por temporárias.

#### *4.1.5 Os milagres não eram necessariamente condicionados à fé*

Os discípulos não tinham fé que Cristo poderia alimentar uma multidão de cinco mil pessoas (Lc 9.12-14), apesar disso, sobraram . Houve ainda o caso em que um paralítico foi curado não por sua fé, mas pela fé daqueles que o acompanhavam (Mc 2.5). Ademais, existiram casos em que não havia como exigir fé, tais como as ressurreições (Jo 11; Lc 7; Mt 9). Geisler observou bem que dos 35 milagres de Jesus registrados nos Evangelhos somente em 10 a fé do agraciado é mencionada.<sup>39</sup> Na realidade, em certos casos, a fé é o resultado do milagre, e não o contrário (Jo 2.9-11).<sup>40</sup> Embora o texto não afirme, é de se esperar que nem todas as pessoas de uma determinada região cressem em Jesus. No entanto, os apóstolos curaram todas as pessoas trazidas a eles em uma região (At 28.9).

---

<sup>39</sup> GEISLER, 2002, p. 229.

<sup>40</sup> O texto de Mt 13.58 pode ser evocado para contrariar esse pensamento. No entanto, a passagem sinótica de Mc 6.5 tira qualquer dúvida que os milagres de Cristo eram condicionados à fé das pessoas.

#### 4.1.6 As curas não ocorriam em cultos, mas eram públicos

A cura tem se tornado um elemento de culto para os carismáticos. Em seus cultos sempre há o momento da cura. No entanto, nas Escrituras há somente uma única menção de cura entrementes ao culto. Foi o caso da ressurreição do jovem Êutico por parte do apóstolo Paulo (At 20.7-12). No entanto, tal procedimento não estava programado no culto daqueles irmãos. Paulo não foi de prévio aviso para aquele culto com a finalidade de operar milagres, mas de adorar a Deus. Por sinal, Êutico não foi para o culto para morrer e ser ressuscitado. A ocorrência desse milagre se deu devido às circunstâncias, e não por causa do culto em si. Adicionado a esse fato, está claro que o culto foi interrompido com a tragédia, tendo o seu andamento novamente quando Paulo, “subindo de novo, partiu o pão, e comeu” – uma referência ao elemento da ceia do Senhor (At 20.11).

Por outro lado, dentro de seus períodos, os milagres foram, em muitas vezes, realizados às vistas dos duvidosos ou dos incrédulos. Por diversas vezes, os mesmos ocorreram em meio a plateias que eram naturalmente adversas à nova mensagem do Evangelho. Há alguma razão para os carismáticos não operarem seus prodígios numa universidade secular? De fato, os crentes não carecem de provas que Jesus é o Cristo enviado por Deus, haja vista que eles já creem.

#### 4.2 Distinção entre os verdadeiros e os falsos milagres

Algo perceptível em religiões não-cristãs não é a falta de alegação de milagres e curas, pois existem alegações em abundância. A dessemelhança com o cristianismo residiria apenas que os ditos “milagres” não são realizados em nome de Jesus.

Mais de quinze mil pessoas por anos dizem ter sido curadas em Lourdes. Testemunhos de curas são relatados em cada edição do *Sentinela da Ciência Cristã*. Muçulmanos paquistaneses dizem que um de seus reverenciados santos, Baba Farid, tem curado pessoas de doenças fatais e percorrido longas distâncias em segundos. Milhares de hindus, a cada ano, dão testemunho de curas no templo dedicado a Venkateswara, em Tirupathi. Alguns seguidores do budismo relatam outras espécies de curas.<sup>41</sup>

A posição clássica da reforma é que os milagres têm a função de autenticar a revelação vinda da parte de Deus. Mas uma interrogação surge: como podemos relacionar isso ao fato de que a Bíblia diz que falsos profetas podem realizar milagres pelo poder de

---

<sup>41</sup> CARSON, D. A. O propósito de sinais e maravilhas no Novo Testamento. In: HORTON, Michael Scott (Ed.). *Religião de poder*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1998, p. 79-80.

Satanás (Mt 7.22-23; Mt 24.23-26; 2Ts 2.9-12)? R. C. Sproul resumiu a questão da seguinte maneira:

Se um não-agente da revelação é capaz de realizar milagres, como os milagres podem funcionar como provas do testemunho de um agente da revelação? Se agentes e não-agentes da revelação podem realizar milagres, que valor de testemunho pode existir em um milagre? Se um falso profeta pode realizar um milagre, o verdadeiro profeta não pode apelar aos milagres como provas de sua própria posição. O problema fica mais difícil quando vemos que o Novo Testamento apela aos milagres dos apóstolos como provas de sua autoridade, o que é claramente um apelo ilegítimo e um argumento falso se é verdade que os não-agentes da revelação podem realizar milagres.<sup>42</sup>

Afinal de contas, os milagres alegados por Satanás são milagres genuínos ou meros truques? Satanás tem poder de realizar milagres autênticos em favor de uma causa maligna? Ou os milagres de Satanás são falsas ilusões? Há muita divergência nas respostas dadas a essas interrogações. No entanto, na certeza que Satanás é um ser criado (Cl 1.15-16), finito em poder (Ap 20.10) e pai da mentira (Jo 8.44), creio que os seus milagres não passam de meros truques. Portanto, seus milagres são semelhantes às mágicas realizadas pelos ilusionistas nos circos, embora com muito maior poder de persuasão (Mt 24.24). A não aceitação disso, ao entender que os milagres de Satanás são genuínos, faz com que o apelo bíblico de que os milagres são credenciais da revelação perca todo o seu sentido.

Geisler apontou algumas características dos milagres verdadeiros vindos de Deus e os falsos milagres de Satanás:<sup>43</sup>

MILAGRE DIVINO	SINAL SATÂNICO
Ato realmente sobrenatural	Apenas um ato supranormal
Sob o controle do Criador	Sob o controle da criatura
Nunca associado ao ocultismo	Associado ao ocultismo
Ligado a Deus	Freqüentemente ligado a deuses panteístas ou politeístas
Associado à verdade	Associado ao erro
Associado ao bem	Associado ao mal

<sup>42</sup> SPROUL, R. C. *Milagres falsos*. [artigo]. Disponível em: <[http://www.monergismo.com/textos/pentecostalismo/milagres\\_falsos\\_sproul.htm](http://www.monergismo.com/textos/pentecostalismo/milagres_falsos_sproul.htm)>. Acesso em 23 abr. 2011.

<sup>43</sup> GEISLER, 2002, p. 577.

Envolve profecias da verdade	Envolve profecias mentirosas
Glorifica o Criador	Glorifica a criatura

### 4.3 Avaliação dos milagres carismáticos

Após averiguarmos as marcas dos milagres bíblicos, concluímos que os milagres carismáticos são equívocos. Tanto em propósito como em fenômeno, os milagres carismáticos não condizem com os milagres bíblicos.

Temos acastelado o princípio de que a cessação dos milagres é uma questão determinada pelo seu propósito cumprido. Isso exclui naturalmente a questão da experiência como o meio legitimador dos milagres. No entanto, mesmo a experiência tem nos mostrado que os milagres operados pelos carismáticos não possuem características análogas àquelas que são encontradas na Bíblia.

Creemos que, nestes últimos dois mil anos, Deus não perdeu sua soberania para agir livremente. Ele continua soberano. Para o bem da verdade, temos que admitir que a realização de um milagre não envolve uma maior quantidade de poder da parte de Deus do que o poder exercido na regência ordinária do mundo. O que ocorre é uma aplicação diferente do mesmo poder. Regar a terra com chuva e ressuscitar mortos, necessariamente, exigem onipotência.

Os milagres eram subservientes à revelação, a qual chegou ao seu fim quando toda a Bíblia foi escriturada. Por isso, os milagres são desnecessários para nossos dias. No entanto, se nosso posicionamento estiver incorreto em relacionar o miraculoso e a revelação, humildemente louvaríamos a Deus ao ver um indivíduo ressuscitar após quatro dias de morto; pediríamos também perdão a Deus pelo nosso equívoco, se véssemos um jumento falando. Certamente, se isso acontecesse, ficaríamos muito tendenciosos a repensar o tema. Seria muito difícil contra argumentar em vistas dessas coisas. Digo que estaríamos encantados demais para duvidar.

## CONCLUSÃO

Como qualquer outra obra, a nossa é inconclusiva e, portanto, passiva de senões próprios e interpretações errôneas alheias. No entanto, a fim de salvaguardar você, prezado leitor, de nossos erros, bem como de impressões indevidas a nosso respeito, gostaríamos de expressar duas últimas considerações antes de nossa pena descansar:

Primeiramente, considere que nossa posição cessacionista não é filha nem herdeira do iluminismo.<sup>44</sup> Definitivamente, não temos nenhuma relação com o mesmo. Também não estamos vinculados à teologia anti-sobrenatural do liberalismo. De igual forma, o deísmo não nos atraiu nem nos convenceu em instante algum. Nosso posicionamento doutrinário é derivado de dois lugares: acima de tudo, de uma análise acurada das Escrituras Sagradas, cuja inspiração divina cremos; e também dos estudos teológicos que os piedosos reformadores nos deixaram como guia para melhor compreensão da Bíblia. Se nossa posição for considerada dentro desse último grupo, mesmo que tal posição não lhe convença, ficaremos aliviados.

Em segundo e último lugar, queremos afirmar que o Espírito Santo tem um papel ativo e maravilhoso na igreja contemporânea – inclusive naquelas igrejas que não reivindicam milagres para seu meio. Temos certeza de que, por mais abrangente e piedoso, nenhum estudo será completo e definitivo acerca da ação do Espírito Santo na esfera da igreja de nossos dias. Certa vez, Jesus disse que a ação do Espírito Santo é semelhante ao sopro do vento (Jo 3.8): soberano e, muitas vezes, impresumível. É claro que isso não significa dizer que não podemos ter ideia daquilo que o Espírito Santo faz. Na verdade, naquilo que as Escrituras têm mostrado e ensinado é que devemos nos apegar e crer. São essas mesmas Escrituras que mostram e ensinam que o Espírito Santo, de acordo com sua vontade soberana, designou tempos específicos para que a igreja presenciasse os milagres e recebesse a revelação vinda de sua parte a nós. Nossas expectativas devem estar baseadas nesses padrões, e não naquilo que Deus pode realizar além dele. Isso não se constitui em

---

<sup>44</sup> A respeito da influência filosófica nos círculos carismáticos, aludindo aos estudos de outrem, Gaffin pondera que a espiritualidade carismática tem íntimos laços com o pós-modernismo. A ligação entre ambas é o desejo de recuperar o inter-relacionamento do conhecimento e da experiência. Nesse sentido, “o que foi suprimido durante tanto tempo na filosofia racionalista ocidental moderna desde o iluminismo – o aspecto não-racional e intuitivo da espiritualidade humana – está agora sendo considerada mais adequado na filosofia contemporânea”. GAFFIN, Richard B. O ponto de vista cessacionista. In: GRUDEM, Wayne. (Org.). *Cessaram os dons espirituais?* : 4 pontos de vista. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 27.



aprisionar o Espírito Santo em uma gaiola, mas uma afirmação de que o seu modo soberano de agir segue uma organização.

Não nego que haja um número indefinido de atuações supranormais de Deus nos dias de hoje, principalmente no que diz respeito à sua providência para com pessoas enfermas das mais diversas sortes. Temos presenciado isso em nosso ministério, bem como no ministério de pessoas tementes, piedosas e apegadas à Palavra. A própria Palavra incentiva que os presbíteros devem orar pelos enfermos e por seus pecados para serem perdoados (Tg 5.14-15). Indubitavelmente, isso é muito importante. No entanto, não tão importante quanto à mensagem do Evangelho que garante tão maravilhosa que “estando nós mortos em nossos delitos, [Deus] nos deu vida juntamente com Cristo” (Ef 2.5). Que grande “milagre” é a salvação do homem que Deus apresenta nos Evangelhos!

Sentimos que essa briosa mensagem tem sido relegada ao segundo plano em alguns ministérios carismáticos. Neles, praticamente não há menção da penúria pelo pecado, da obra de Cristo, do poder regenerador do Espírito Santo, da suficiência e da inspiração das Escrituras – o que é realmente primordial. O nosso temor é que a igreja seja reconhecida como “evangélica”, mas sem o Evangelho; que os crentes sejam reconhecidos como pessoas que seguem experiências, e não um Livro com uma mensagem. Mas, a mensagem que a Bíblia nos ensina é que curas de dores de cabeças ou, até mesmo, curas de cegueira e aleijo são pequenas demais, quando comparadas à obra redentora de Deus, em seu Filho amado, em favor de todos nós.

## REFERÊNCIAS

- BERNHARD, Johnson. *Como receber a cura divina*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1995.
- BROWN, Colin. *That you may believe: miracles and faith then and now*. Grand Rapids: Eerdmans, 1985.
- CALVINO, João. *As Institutas*. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- CAMPOS, Heber Carlos. *O ser de Deus e as suas obras: a providência e a sua realização histórica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.
- CARDOSO, Rodrigo; LOES, João. *O homem que multiplica fiéis*. [Reportagem]. Disponível em: <[http://www.istoe.com.br/reportagens/122005\\_O+HOMEM+QUE+MULTIPLICA+FIEIS](http://www.istoe.com.br/reportagens/122005_O+HOMEM+QUE+MULTIPLICA+FIEIS)>. Acesso em: 9 abr. 2011.
- CHANTRY, Walter J. *Sinais dos apóstolos*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1996.
- CONNELY, Douglas. *Miracles: what the Bible says*. Downers Grove: Intervarsity Press, 1997.
- ELWEL, Walter A. (Ed.). *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1990.
- EVANS, C. Stephen. *Dicionário de Apologética e Filosofia da Religião*. São Paulo: Editora Vida, 2004.
- FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- FREEDMAN, David Noel (ed.). *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1999.
- GEISLER, Norman. *Enciclopédia de apologética*. São Paulo: Editora Vida, 2002.
- GRONINGEN, Gerard van. *Criação e consumação*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002.

GRUDEM, Wayne. (Org.). *Cessaram os dons espirituais? : 4 pontos de vista*. São Paulo: Editora Vida, 2003.

HORTON, Michael Scott (Ed.). *Religião de poder*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1998.

MACARTHUR, John F. *Os carismáticos*. 2ª ed. São Paulo: Fiel, 1988.

MCGEE, Gary B.; ALEXANDER, Patrick H. (Ed.). *Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements*. 9ª Ed. Grand Rapids: Zondervan, 1996.

PIERATT, Alan B. *O dedo de Deus ou os chifres do diabo?: um estudo dos sinais e maravilhas na igreja atual*. São Paulo: Vida Nova, 1994.

SCHÖKEL, Luis Alonso. *Dicionário bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997.

SCHWERTLEY, Brian. *Spiritual gifts* [artigo]. Disponível em: <<http://entrewave.com/view/reformedonline/Spiritual%20Gifts,%20part%207.htm>>. Acesso em 07 abr. 2011.

SPROUL, R. C. *Milagres falsos*. [artigo]. Disponível em: <[http://www.monergismo.com/textos/pentecostalismo/milagres\\_falsos\\_sproul.htm](http://www.monergismo.com/textos/pentecostalismo/milagres_falsos_sproul.htm)>. Acesso em 23 abr. 2011.

TENNEY, Merrill C. (Ed.). *Enciclopédia da Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

WARFIELD, Benjamim B. Warfield. *Counterfeit Miracles*. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1995.